



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA**

CAMILA DO NASCIMENTO CARMO

**RIOGRAFIAS E REEXISTÊNCIAS NEGRAS:
A POESIA DE LÍVIA NATÁLIA**

Salvador
2019

CAMILA DO NASCIMENTO CARMO

**RIOGRAFIAS E REEXISTÊNCIAS NEGRAS:
A POESIA DE LÍVIA NATÁLIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial no processo de obtenção do grau de Mestre em Literatura e Cultura.

Orientador: Arivaldo Sacramento de Souza
Co-orientadora: Ana Cristina Nascimento Givigi

Salvador
2019

Carmo, Camila do Nascimento

Riografiaa e reexistencias negras:a poesia de
Livia Natalia / Camila do Nascimento Carmo. --
Salvador, 2019.

72 f.

Orientador: Arivaldo Sacramento Souza.
Coorientador: Ana Cristina Naascimento Givigi.
Dissertação (Mestrado - Mestrado Literatura e

Cultura) -- Universidade Federal da Bahia,
Universidade Federal da Bahia, 2019.

1. Riografiaa. 2. Escrita negrofeminina. 3.
Reexistências. 4. Literatura. 5. Poesia. I. Souza,
Arivaldo Sacramento. II. Givigi, Ana Cristina
Naascimento. III. Título.

CAMILA DO NASCIMENTO CARMO

**RIOGRAFIAS E REEXISTÊNCIAS NEGRAS:
A POESIA DE LÍVIA NATÁLIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial no processo de obtenção do grau de Mestre em Literatura e Cultura.

Salvador, 11 de junho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Arivaldo Sacramento de Souza – Orientador _____

Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia.

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Ana Cristina Nascimento Givigi – Coorientadora _____

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Silvana Carvalho da Fonseca _____

Doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia.

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Dedico estes traçados às águas doces e salgadas que trazem serenidade ao meu ori.

AGRADECIMENTOS

Certa vez disse Clarice Lispector: “não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas” e pensando em Clarice estendo-me ao pensamento de Deleuze quando interrogado sobre o exercício da escrita em uma entrevista com Claire Parnet e em sua resposta diz que: “se escreve porque algo da vida passa em nós”. De todo modo, queria eu ter a delicadeza de Clarice e a densidade de Deleuze para fazer fluir os parágrafos e deixar passar a vida para além das interdições e ressentimentos, estes que demandam um trabalho político, um exercício de leveza.

Ainda assim, na tentativa de deixar algo da vida passar escrevi esta dissertação a fim de cumprir com a missão de tornar-me mestra, mas também, reivindicar um lugar de fala que pudesse produzir uma metamorfose na linguagem e impulsionar a vida em invencionices.

Mesmo entre marteladas e doçuras do caminho sempre apanhei miudezas como ao observar o passarinho a alçar voo ou ao pousar no fio da rede elétrica. Até hoje faço das caixinhas de fósforos trilhos para o trem e crio bichinhos com as nuvens. Quando achei que não havia mais tempo para apreciar, encontrei pessoas que me ajudaram a reconciliar com o processo da vida e proporcionaram a despedida do desejo de verdade e interpretação, desfazendo a culpa e má consciência.

Escrevo estes agradecimentos e os dedico as minhas mães que me deslocam na superfície e para além dela. Foram elas que me disseram que dias estranhos nos fazem fortes, disseram que dias assim nos ensinam sobre deslizos e que a vida é mesmo paradoxal.

As minhas mães me ensinaram que sempre haverá dias para agradecer e comemorar a vida, e eu com essa mania de achar que a vida é nua e que a vida é besta: entortei os olhos e a boca, ria e duvidava dos ensinamentos. Cheia de invenção, eu desenhava sim corações nas paredes dos prédios, cantava alto em plena madrugada acordando os vizinhos, tecendo em fios os labirintos da minha cabeça. Por tudo isso, agradeço a Luciene, Kiki e Cida pelo cuidado e amor de todo dia.

Agradeço ao amigo e irmão Assis, o rasta, por aquelas conversas bobas que a gente ri por tudo, pela sutileza com que percebe a fragilidade e a força dos meus passos me ensinando sobre coisas que ainda não sei o nome e criando em consistências nossos laços de afeto e parceria.

Os desejos em caminhar nas trilhas que não permitem o amor pesado, fizeram com que eu agarrasse aquilo que me move em potência para a produção do amor em levezas, em partículas soltas. E foi assim que vivi um amor em que juntas pudemos quebrar as formas, desfazer as bordas, traçar linhas que fogem, mas esquecemos ou não nos preocupamos com as

medidas e doses necessárias para expandir os dias e manter o “nós”, que é também “eu” e “outro” ao mesmo tempo. Eu sei que o mundo nos pertence e nossos encontros possibilitaram dar uma volta pela vida, pelo céu, pela alegria e pelo amor construindo outros possíveis mesmo com as erosões, a esse amor também agradeço.

Meu coração é batucada e adora um samba e com ele aprendi que só é possível esburrar as margens, como diria minha mestre dos magos, passando as bordas, tecendo memórias. Entre goles de cerveja, drinks em taças chiques e de plástico, risos frouxos, rebolados no quadril, olhares doces, mas também desconfiados pude desfazer as bordas no laço da amizade de Priscila Dornelles, Silvana Carvalho, Camila Oliveira, Loran Prazeres, Alicinha Barreto, Luana Souza, Mayana Rocha, Ana Gizelly, Alanie Ramos, Nando Cordeiro, Ritinha de Cássia, Bruna Lopes, Paula Froes, Pedro Santana, Amanda Carolina e Diana Gonzaga, que agradeço imensamente.

No compasso silencioso e barulhento dela e das curtas palavras costuradas em profundidades, recebi um convite para dividir o sentir o mar embaixo dos pés. Agradeço a Lia por embelezar os dias de tempestade e fazer sentir quando tudo já não tinha mais sentido. Desejo que a nós seja possível tecer os dias por caminhos múltiplos deixando lindezas no mundo inteiro.

Agradeço ao meu orientador, Ari Sacramento, por “entregar memórias e acolher esquecimentos” e junto comigo fazer inundar estas águas. Carregamos um barquinho, talvez o mesmo que ele segurou com zelo como a mainha dele mandava, e finalizamos este trabalho entre pedras, festa, choro e riso.

Agradeço a minha co-orientadora, Ana Cristina Givigi, que tive aquelas conversas longas sobre o cotidiano, a poesia e a filosofia que acho incríveis e por vezes não entendo nada. Aprendi com ela sobre lindezas e esperanças nos dias ruins, como este, em que padeço no meio de carros e buzinas, coisas encaixotadas e a falta do cheiro de terra molhada que fica quando a chuva cai na pequena Amargosa. Em tempos assim, como esse de chuva, ela sempre faz exalar afetos. Sua sabedoria ancestral e acadêmica, sua amizade e amor, curam-me das mesquinhas da vida. Não sou poeta como ela, mas brinco com a palavra para tentar não acabar com a festa dos dias.

Agradeço a Lívia Natália por ensinar através de sua poesia o que diz a quartinha quando canta, por me atirar palavras de escamas, por me fazer entender que dias de chuva também são bonitos, agradeço por esse axé que “enegrece a terra no ilá que de minha boca escapa”.

O desejo em sua atividade, por vezes caotiza tudo, porque ainda somos contaminadxs pelas outras formas e normas, portanto é preciso cuidado para não fazer o amor grudar, colar e gorar. Mulheres construindo políticas de enfrentamentos, como fazê-las existirem no exercício

prático cotidiano? Como fazê-las existirem entre xs nossxs? Sujeitos rompendo normas, como deitar sobre as contradições e lastriá-las?

Entre tantos gritos sufocados, sigo questionando sobre como os fluxos são monitorados impedindo-nos de multiplicar os encontros? Escrevo, pois desejo, para todos estes que agradeço uma vida em que sejam operadas linhas, sons, cores e movimentos em exuberância e alegria no bordar dos dias apesar do nublado que por vezes se anuncia.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma cartografia em riografias de poemas publicados pela poeta Lívia Natália. Para esta construção coloco em movimento os procedimentos estéticos, artísticos e políticos das produções literárias da escritora em busca de compreender como consistem em reexistências aos estereótipos coloniais, racistas e sexistas na direção de mulheres negras de maneira a romper as fronteiras da literatura colocando-a em expansão. Os discursos fabricados sobre o corpo da mulher negra que escreve movimentam-se nas fissuras e rachaduras e expõem os modos de funcionamento da colonialidade do gênero, com isso as reexistências dizem do racismo e sexismo que funcionam no discurso colonial e desnudam as condições de produção da escrita literária negra e feminina. Sendo assim, desenvolver problematizações acerca dos poemas publicados nos livros da poeta a fim de analisar discursos que circulam e são produzidos sobre a mulher negra de maneira a compreender como as relações de poder são estabelecidas frente a produção literária negrofeminina fazem parte dos elementos constitutivos deste trabalho. Além de construir tais problematizações acerca dos textos literários da escritora baiana contemporânea Lívia Natália, o entendimento delineado é o de que, tanto a pesquisa quanto a poética dos textos selecionados para este trabalho consistem em riografias, entendendo-a como um procedimento de criação estético para o labor crítico-teórico da qual as águas põem-se a escorrer pelo mapa. Sendo assim, problematizar as contradições entre hegemonia e reexistências na poética baiana contemporânea no contexto de colonialidade, respondem ao que pode uma lírica de rupturas existentes na poética de Lívia Natália.

Palavras-Chave: Escrita Negra. Riografias. Reexistências. Lírica de Rupturas.

RESUMEN

Esta investigación presenta una cartografía en riografías de poemas publicados por la poeta Livia Natália. Para esta construcción coloco en movimiento los procedimientos estéticos, artísticos y políticos de las producciones literarias de la escritora en busca de comprender cómo consisten en reexistencias a los estereotipos coloniales, racistas y sexistas en la dirección de mujeres negras de manera a romper las fronteras de la literatura poniéndola en expansión. Los discursos fabricados sobre el cuerpo de la mujer negra que escribe se mueven en las fisuras y grietas y exponen los modos de funcionamiento de la colonialidad del género, con lo que las reexistencias dicen del racismo y sexismo que funcionan en el discurso colonial y desnudan las condiciones de producción la escritura literaria negra y femenina. Siendo así, desarrollar problematizaciones acerca de los poemas publicados en los libros de la poeta a fin de analizar discursos que circulan y son producidos sobre la mujer negra de manera a comprender cómo las relaciones de poder se establecen frente a la producción literaria negrafeminina forman parte de los elementos constitutivos de este trabajo. Además de construir tales problemáticas acerca de los textos literarios de la escritora baiana contemporánea Livia Natália, el entendimiento delineado es que tanto la investigación como la poética de los textos seleccionados para este trabajo consisten en riografías, la entiendo como un procedimiento de creación estético para la labor crítico-teórica de la cual las aguas se ponen a escurrir por el mapa. Siendo así, problematizar las contradicciones entre hegemonía y reexistencias en la poética baiana contemporánea en el contexto de colonialidad, responden a lo que puede una lírica de rupturas existentes en la poética de Livia Natália.

Palabras Clave: Escritura Negra. Riografías. Reexistencias. Lírica de Rupturas.



Quando Cachoeira me abraçou

(Rebeca Carapiá. Rio Paraguaçu, Cachoeira, Bahia. 2018.)



nas andanças de mim

(Rebeca Carapiá. Avenida Beira Mar, Ribeira, Cidade Baixa, Salvador. 2018.)

SUMÁRIO

1 UMA INTRODUÇÃO	14
2 PASSAGENS E FLUXOS: NAVEGANDO POR TRAÇADOS DE ÁGUAS NEGROFEMININAS	17
2.1 LEMES, MASTROS E VELAS: O PERCURSO DAS RIOGRAFIAS	20
3 ESCOAMENTOS, RELEVOS E COMPOSIÇÃO DAS ÁGUAS: AS RASURAS AO CÂNONE	28
3.1 “NÃO HÁ PORTAS QUE CALEM ESTE MEU VOAR”: A INSURGÊNCIA DECOLONIAL DE CORPOS NEGROFEMININOS	32
3.2 FURAR A PEDRA E DESENHAR OUTRAS FORMAS DE DIZER PALAVRAS: FALAR DE SI E REEXISTIR	41
4 “ONDE CANTA O ESTALIDO”: ESTÉTICA NEGRA DE UMA ESCRITA DE ÁGUA	55
5 A LETRA, O CORPO, O RIO: O QUE PODE UMA LÍRICA DE RUPTURAS?	64
REFERÊNCIAS	70

Há pau que traça pau...

Vinte e nove de junho de 1912

O Candomblé de São Gonçalo parecia uma verdadeira colmeia, dado o "entra e sai" de gente na arrumação do "barracão"; cortava-se papel, para a confecção de bandeirinhas vermelhas e brancas, varria-se o chão, apanhavam-se folhas, cadeiras eram dispostas segundo a hierarquia dos donos; mulheres agitadas, na cozinha, preparavam as iguarias rituais; outras incumbiam-se da arrumação das próprias roupas e, mais importante, das vestimentas dos principais convidados – os Orixás.

Visitantes chegavam de toda parte para a festa; queriam ver Mãe Aninha, serem abençoados, beijar-lhe as mãos.

Habitualmente Mãe Aninha não era lá de muita conversa; naquele dia encontrava-se mais reticente que nunca, falando somente o indispensável. Ordenou a Senhora de Oxum a emoção dos assentamentos dos Orixás, de suas respectivas casas; auxiliadas por Fortunata, deveria escondê-los no mato fechado, junto, às moitas de "peregum".

Senhora e Fortunata entreolharam-se. Mas que fazer? Ordens são ordens... Seguiram à risca a determinação.

Começou a festa. Horas tantas, o homenageado principal já chegara –, ouviu-se um tropel de cavalos; era a polícia que, a mando do "Homem", vinha acabar com aquela manifestação de negros, "coisa de gente ignorante, primitiva...".

Xangô dançava tranquilamente.

No melhor da dança, determinou a um Ogã que lhe trouxesse três rolos de linha: uma preta, uma vermelha e uma branca. Entoando cantigas, desenrolou os novelos, um a um.

O barulho das patas dos animais estava mais e mais perto; sentia-se o cheiro dos cavalos. Filhas de santo entravam em pânico, pensando no pior: surra dos policiais, atabaques furados, saias rasgadas.

Aconteceu o encanto; os soldados se embrenharam mato a dentro e "nada de conseguirem achar o barracão do candomblé"; continuou a festança, com atabaques e fogos, comidas, bastante aruá e muita alegria.

No dia seguinte. Mãe Aninha ficou sabendo o ocorrido. Explicou às filhas de santo a ordem exótica de transferência dos Orixás; tivera o pressentimento de que a polícia iria armar alguma "presepada". Para que fossem evitados estragos, tomou a atitude de determinar a remoção dos assentamentos, até tudo se normalizar. O melhor lugar era a moita de nativos.

Percebia, feliz, que fora precipitada. Nada aconteceu;

— "Há pau que traça pau..."

Ria-se muito, imaginando a raiva e decepção de "seu" Pedrito.

Mãe Stella de Oxossi

(E daí aconteceu o encanto, 1988, p. 23-24)

1 UMA INTRODUÇÃO

*O caminho não muda jamais,
a dor é a mesma e a memória,
ferida,
lambe o tempo.
A dor me enfeita a ponta dos dedos,
bela, rasga minhas mãos,
e eu escrevo [...].*

(LÍVIA NATÁLIA, 2017, p. 31)

Modos de existência, agenciamentos, multiplicidades e não individualidades, alianças, linhas de fuga, águas, articulações, barro, territorialidades, expressão, terra, produção, vivências, folhas, ancestralidade, decolonialidade. São essas minhas alianças, como as que Mãe Stella descreve em seu texto ao contar de como funciona a resistência. Tomo as palavras de encanto para falar de escritas de águas em reexistências negras e fazer acontecer as seções desta dissertação a qual se faz ao deixar passar as intensidades e expandir vidas negras apagadas e silenciadas.

As voltas e trajetos dos poemas escolhidos para os movimentos desta pesquisa constituem o operador teórico a que chamo riografias, estas que em grafias de águas dizem de reexistências negras na lírica de rupturas da poeta Lívia Natália que traduzem modulações do pensamento decolonial a formar a “Anatomia das pedras”, título do poema anunciado na epígrafe.

A “Anatomia das pedras” é modelada pelas águas que quando balançam dão formas a essa matéria de natureza rochosa. O caminho que fazem não se modifica, mas é a dor que produzem que pode ser reinventada. Com os versos da poeta e um repertório teórico que navega por múltiplas áreas do conhecimento, proponho a existência de uma escrita acadêmica em que as palavras desenham imagens.

Para isso, passagens e fluxos foram elaborados na seção dois em que apresento os caminhos tecidos no decorrer da dissertação. Nesta seção, faço a exposição dos modos de operação da cartografia de poemas e digo sobre quais procedimentos estéticos, artísticos e políticos, as produções literárias da escritora Lívia Natália consistem em riografias e reexistências aos estereótipos coloniais, racistas e sexistas de maneira a romper as fronteiras da literatura. É ainda nesta seção que coloco em diálogo sobre como os versos da poeta cruzam,

entrecortam e por vezes se assemelham as minhas linhas de vida ao trazerem o rio e o mar como narradores das memórias permitindo um mergulho sobre nós mesmos.

Pensar sobre os escritos produzidos por Livia Natália é também pensar sobre a mulher negra – produção da colonialidade do poder, portanto de gênero e raça. Desse modo, “Escoamentos, relevos e composição das águas: as rasuras ao cânone”, título que recebe a seção três, diz respeito aos movimentos que teorizam o corpo negro, as questões que se apresentam nos cânones e como a escrita de Livia destitui essa linguagem hegemônica. Nesta seção, coloco em diálogo como as águas revolvem o poder na insurgência decolonial de corpos femininos negros.

O trabalho segue com a seção quatro, a qual indica “Onde canta o estalido?” numa escrita de água que elabora uma estética negra na poética de Livia Natália. São as águas que conjugam os movimentos e constituem políticas de enfrentamento que só podem existir exercício de alianças com a coletividade, para desfazer os fluxos monitorados pelo racismo, machismo e sexismo que circundam e deitam-se sob corpos de mulheres negras.

Neste sentido, o trabalho chega ao fim na seção cinco com o objetivo de responder: O que pode uma lírica de rupturas? Com isso, entendo que responder em que a lírica dos versos constituem-se em riografias, traçados negros de Livia Natália, que em suas multiplicidades e intersecções constitutivas, desfazem hegemonias que classificam e binarizam discursos. Esta seção perpassa o entendimento de que a escrita dos poemas escolhidos para esta pesquisa constituem processos de reexistências para decolonizar o gênero.

Ao rasgar as mãos para que seja possível fazer a palavra inundar sem perder o rigor acadêmico exigido, foi necessário sangrar e lambar o tempo. Portanto, este trabalho trata-se de pensar sobre os versos e, logo, pensar em/nos versos ao traçar caminhos teóricos e metodológicos.

Entre os movimentos e fluxos da cartografia que desenha redes de forças ao escapar ao “plano de organização de territórios”, tomo a produção literária de Livia Natália publicadas nos livros *Correntezas e Outros Estudos Marinhos* (2015), *Águas Negras e Outras Águas* (2016), *Dia Bonito pra Chover* (2017) e *Sobejos do Mar* (2017) para assim visualizar as fissuras das páginas que fraturam os sentidos e atravessam esta cartografia em riografias, que não estão apenas na poética dos versos analisados, mas também no exercício/operação desta pesquisa.

Todos os livros publicados pela poeta foram escolhidos para estas riografias. O alinhar foi feito a partir dos movimentos que deram língua, sem estabelecer hierarquias, para as grafias de águas. Foram os modos com que se apresentaram as águas nos poemas que construíram matéria de expressão e sentidos para análise dos versos presentes neste trabalho que desde o

título dos seus livros anunciam sua potência.

Os processos que constituem a escrita dos versos seguem o percurso das águas que atravessa a vida violento, ao mesmo passo, que de jeito macio. As riografias passam as margens e assim desfaz as beiradas de modo que se perceba o muito da existência ao se emendar ao mundo. A escrita em grafias de águas é também uma crítica ao gênero de forma racializada.

Proporcionar uma análise crítica da normatividade estabelecida entre sexo-gênero-raça, desfazendo a normatividade da escrita generificada a partir do entendimento que esta escrita funciona de maneira a fissurar as formas que silenciam modos mais múltiplos de produção literária, expõe o racismo e o sexismo que funcionam no discurso colonial.

Questionar como operam as categorias de gênero e raça e/ou sua separação na constituição de espaços que invisibilizam as estratégias infrapolíticas produzidas por femininos negros apagados e silenciados, compreender sobre como o poder articula-se e modula-se para produzir invisibilidade nas produções dos sujeitos e de como as relações de poder são estabelecidas frente a produção literária de autoria feminina negra fazem parte das discussões elaboradas nas seções.

Portanto, coloco em evidência nesta pesquisa a discussão que entende a escrita em riografias, elaborada por Livia Natália, como uma lírica que rompe com o olhar automático e o expande para a multiplicidade de formas as quais desconstroem as concepções tradicionais da lírica e sujeito lírico.

Desse modo, é com a letra, o corpo e o rio que procuro responder *o que pode uma lírica de rupturas?* e encontro sentidos vários para essa lírica em que a vida vai acontecendo em traçados negros de riografias, que de tão escorregadios, também vão expondo-me.

Diante disso, é importante destacar que os estudos e conceitos produzidos por mulheres serão citados neste trabalho com nome e sobrenome em um agenciamento político-acadêmico a fim de subverter um campo de força engendrado por regimes patriarcais.

2 PASSAGENS E FLUXOS: NAVEGANDO POR TRAÇADOS DE ÁGUAS NEGROFEMININAS

Entre as riografias que rasuram a forma única, as escritas negrofemininas dão passagem às intensidades, essas que produzem reexistências por entre a lírica dos versos que cruza e entrecorta sentidos vários para corpos negros. Com isso, esta pesquisa caminha por grafias de águas e reexistências negras de modo a compor um operador crítico literário que movimenta a poética de Lívia Natália.

Desse modo, entrego reflexões sobre um modo de operar que funciona de maneira a gerar potências e expandir a vida de mulheres negras que ao traçarem caminhos em fluxos e correntezas criam modos de existências múltiplos. Essas águas acometem meu corpo negro que busca em experimentações abrir mão das interpretações, já que elas são acometidas pela verdade das coisas e constroem versões e/ou perspectivas, contudo instauro aqui um espaço para deslocar e multiplicar de modo a tomar a produção de um fazer acadêmico que considera os processos e agenciamentos, como aqueles que atravessam a escrita em versos da poeta aqui postos em movimento.

Faço então alianças com os movimentos das águas dos rios que fazem dobras nas águas do mar, e neste encontro, num trajeto de múltiplas entradas e saídas, em diferentes graus de intensidade, tomo como operador crítico-teórico da produção literária de Lívia Natália “riografias”. Essas escritas apresentam-se em versos que permitem esta pesquisa constituir-se, também, em grafias de água as quais expõem modos do racismo que corta e mede a vida fabricando barreiras que impedem corpos negros fluir na diferença.

No entanto, ainda que as riografias apontem para modos do racismo, são elas que instauram uma teoria epistêmica e lírica no projeto decolonial o qual funciona na fronteira, não como uma linha que separa dois elementos, mas como espaço que articula a diferença, onde corpos negros estão no lugar de enunciação do conhecimento quando elaboram, por exemplo, um operador teórico que rasura a forma para fazer vazar a multiplicidade.

Riografias

Há como se (a) mar a pele qualquer,
há como se perder nos seixos
quebrar eixos, (a) mar uma gota triste
como quem derivasse num oceano.

Há quem pense (ar) mar, nas nuvens algum castelo triste.

Há.

Mas o Rio, prenehe de negruras,
 ainda perfuma a noite, a juba, o silêncio
 das correntezas.
 O Rio, inolvidável, deixa até nas pedras
 O seu rastro.
 (LÍVIA NATÁLIA, 2015, p. 45)

As riografias constituem um corpo negrofeminino que não cessa de se transformar e nesse processo expõem a mim que ao dormir na água alimento a cabeça. A produção desta pesquisa possibilita retomar tradições ancestrais que se transmutam em palavras para a compreensão de que meu corpo de mulher negra navega entre avaliações, censuras e padrões, mas também entre passagens e fluxos dos traçados negros os quais criam reexistências, exercícios que possibilitam caminhos que afirmem existências negras e suas singularidades por outros possíveis, como estes aqui delineados em que chamo riografias e as quais fazem novos arranjos para a minha vida e prática política.

As passagens abertas e os fluxos em negociação fazem esta pesquisa ir das riografias às linhas de vida-pesquisadora de modo que sejam elaboradas por caminhos vários, dentre eles destaco minhas atuações políticas acadêmicas no *Núcleo Capitu de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre Gênero, Diversidade e Sexualidade* que, desde 2011, produz ações na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, bem como os estudos do *Grupo de Pesquisa Corpus Dissidentes* da Universidade Federal da Bahia.

Ao partir e quebrar âncoras novos arranjos e conexões foram feitos e assim pude debruçar-me sobre os traçados negros da poeta Lívia Natália. Entendo que esta pesquisa toma as multiplicidades que não param de transformar-se como critério para acompanhar os processos de subjetivação que vão sendo compostos, abrindo-se para além das fronteiras, de modo a fazer a vida fugir e/ou escapar as limitações.

Neste espaço, experiências e vivências encontram-se em um conjunto de efeitos desconhecidos para dizer das grafias de águas, estas que maceram meu corpo e permitem as palavras abertas e descontínuas vibrarem em intensidades para inventar novas maneiras de descolar o corpo de projetos que signifiquem em uma ordem lógica com esquemas pré-estabelecidos e não sejam de movimentos e nem vibrem em acontecimentos.

Alio-me, então, a um processo de desidentificação para que a diferença constitua uma nova prática de afirmação da vida abrindo-me a vontade de criar modos que possam livrar-me das dominações que se fazem hegemônicas. Faço isso envergando-me sobre um aporte teórico decolonial que em diferentes graus de intensidades constitui o fazer crítico literário de uma

produção negrofeminina.

A produção literária, de mulheres negras, apagada e silenciada no percurso histórico, é retomada, nesta pesquisa, pelas águas que as fazem emergir como criação que rompe com os estratos da grande literatura e traz consistência as formas da realidade que não se repete, não são um decalque, mas criam novos e outros territórios em reexistências diante as composições literárias de escritoras negras baianas.

Nesse sentido, esta pesquisa toma a poética de Livia Natália para que seja costurada pelas águas na inserção metodológica da cartografia, então, diálogo com as reflexões escritas pelo filósofo Deleuze juntamente com o psicanalista Guattari, que tomam o conceito da geografia a qual trabalha com territórios e suas representações e o coloca em expansão para pensar em investigações por meio de operações em campos múltiplos que apontem para os processos e os desvios de modo a compreendê-los como elementos potentes para produção de encontros.

Segundo a psicanalista, pesquisadora, curadora, crítica de arte e de cultura Suely Rolnik (2007), a cartografia como método para trabalhos de investigação tem em seu funcionamento a captura de forças que operam para além do que está no campo visível. Para a pesquisadora, cartografar consiste em se apropriar e devorar os elementos que atravessam o trabalho e com isso aquele que faz cartografias “deixa seu corpo vibrar todas as frequências possíveis e fica inventando posições a partir das quais essas vibrações encontrem sons, canais de passagem, carona para a existencialização. Ele aceita a vida e se entrega. De corpo-língua” (SUELY ROLNIK, 2007, p. 66).

Cartografar, portanto, consiste em uma força criadora que está aberta a sensações, a vibrações, a mudanças e a imprevisibilidades tal como um mapa que é conectável em todas as dimensões, pode ser rasgado e revertido, instaura um processo não linear que em atravessamentos flutuam por ser efeito de circulações. Com isso, o rasgo desse mapa é feito aqui pelas riografias para receber fluxos outros os quais permitem enegrecer a cartografia eleita como operador metodológico.

Esta pesquisa, então, consiste em uma cartografia que recebe fluxos de águas para uma prática decolonial em que riografias passam pela terra e desloca o plano de organização das representações de maneira a canalizar as intensidades sobre/com/por as grafias de água que fazem as palavras em ecos a percorrer imensidões que desenham redes de forças comprometidas com a vida sem a vontade de selecionar, mas de transcender a palavra que engenhosamente construída na fluidez desarruma as estruturas e constrói outro real possível.

Trata-se de rios e riografias a elaborar uma geografia das águas a qual movimentam-se

nas profundidades e superfícies para compreensão de como a vida efetua ao pensar com as mãos e pés, é uma prática política que amplia e produz o social quando dizem do negrume de minha pele ao seguir uma dinâmica ancestral que no encontro com a terra deixa o solo encharcado para produção do barro criador de vida que povoa mulheres e homens negros num espaço de não subordinação.

2.1 LEMES, MASTROS E VELAS: O PERCURSO DAS RIOGRAFIAS

“[...] Um vento, e eu de todo exilada.

Um vento, e eu desfeita,

Calada.

Um vento, e, pobre de mim,

Sou toda feita de Água.”

(LÍVIA NATÁLIA, 2015, p. 53)

As palavras reunidas aqui seguem no risco e no ato de fazer ao elaborarem juntamente com a força das brisas e correntezas possibilidades e efeitos desconhecidos por meio de um agenciamento político-artístico-estético. Em diálogo com os filósofos Giles Deleuze e Claire Partner (1996), agenciamento é “uma multiplicidade que comporta muitos termos heterogêneos e que estabelece ligações, relações entre eles” (DELEUZE; CLAIRE PARTNER, 1996, p. 69), consiste em um sintoma da ruptura que acontece “todas as vezes que pudermos identificar e descrever o acoplamento de um conjunto de relações materiais e de um regime de signos correspondente” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 9).

Com isso, o agenciamento político-artístico-estético é uma tomada de posição que cria efeitos nestas escritas de águas e acontece em correlação com o campo de desejo que os constitui o qual constrói um conjunto que enche-esvazia, está junto-separado sempre em movimento e movimentando o fazer crítico, literário e acadêmico.

Dessa forma, rasuro a forma única e potencializo o desejo ao criar e reinventar mundos de maneira a dar passagem às intensidades que nestas águas criam linhas de fugas as quais problematizam os aparelhos do poder colonial.

Por isso, estes traçados negros caminham no círculo ora apressados, ora lentos, acolhendo memórias, e ao entregar em gotas serenas as seções fazem fluir como um rio a palavra. As linhas de fugas que aqui se delineiam, em meio às correntezas, são criadoras de potências que se fazem carne, falam em outra língua e, sobre o alguidá ofertado, traça rotas sabendo que mesmo quando vão não partem, continuam defumando os caminhos.

Esse caminho complexo de mistérios e de vertigens criam um campo epistemológico para pensar e fazer esta pesquisa que consiste em incorporar as águas no caminho teórico-metodológico, estas que perfazem os caminhos da lírica da poeta Livia Natália sendo possível entender a ancestralidade como mobilizador dos versos, ao compreender que, segundo Eduardo Oliveira, ela educa o olhar na direção de uma cosmovisão africana na produção de uma “filosofia da terra” para uma “ética do encantamento”, portanto:

Olhar é um treino de sensibilidade. Aguça-se a sensibilidade para perceber o encanto que tece as coisas. Sensibilizado, o Outro deixa de ser apenas um conceito, e me interpela para uma ação de justiça e me convida a uma conduta ética. Sensibilizado posso fazer da vida uma obra de arte, uma construção estética. Edifico uma moral e uma ética baseada na criatividade e na tradição. (OLIVEIRA, 2007, p. 259).

Com isso, volto o olhar para a vivência e reconhecimento da ancestralidade como modo de existir que faz das águas, da terra e das árvores inserções não só da fé negra, mas da vida cotidiana em luta com as normatizações hegemônicas e assim enegrece o chão, faz escapar dos versos potências que descolam do pensamento hegemônico onde as diferenças existentes são marcadas para que no entendimento molar a multiplicidade de corpos negros, sobretudo de mulheres negras, esteja no campo do visível e fora de universalizações.

A ativista, feminista negra, mestre em filosofia política Djamila Ribeiro (2017) chama atenção em seu livro *O que é Lugar de fala?* para o olhar colonizador que incide sobre os corpos, saberes e produções de mulheres negras e destaca que para além de refutar o que é elaborado por tal olhar, faz-se necessário partir para outros lugares. Sendo assim, como trabalhar na desarticulação? Na tentativa de partir para outros pontos, escolhi traçar este trabalho sem a elaboração de filiações, nomeações e semelhanças por entendê-los como elementos usados para domar o outro.

Portanto, os traços que seguem estas riografias tratam-se de memórias, dores e conciliações ao colocar em cena uma escrita em versos de Águas que saúdam a terra com a abundância de sua presença abrem espaço para os diálogos com o tempo, que no entendimento ancestral só pode ser apreendido na vibração do acontecimento como no poema “Abebé Omin”:

Abebé Omin

Dança violenta e bela na crista de minha alma.
Uma voz de água doce sussurra nos meus ouvidos
numa língua outra,
de uma maternidade feita de ouro e mistério.
Pisa no meu juízo com seus pés de peixes,
naufrágios

e profundezas.

Dança bruta e verdadeira no chão de minha alma,
 Prepara meu corpo para ser sua morada:
 vomito quizilas e fico de novo límpida e casta.
 Lava meus pés com seus cabelos de água,
 lava meu ventre,
 minhas mãos...
 Se põe inteira ante a mim
 na proporção exata e necessária,
 preenchendo tudo com seu castanho cristalino.

A mim tudo deu e tudo dará,
 e entrego dourada e rubra minha cabeça a teus pés,
 para que aqui caminhe,
 habite,
 deite
 e viva,
 agora e sempre,
 dentro desta lagoa funda e branda,
 neste rio que corre de mim a mim.
 (LÍVIA NATÁLIA, 2016, p. 37)

Ao som ritmado das águas, o abébé diz da fertilidade e poder dos femininos de modo a expressar em seu leque oval e espelhado uma morada sem quizilas em que o corpo é preparado para receber as correntezas, entrega a cabeça aos pés das águas e entende que delas vieram tudo que se tem na terra.

Esse instrumento do sagrado que balança nas mãos de Osun é reverenciado na escrita do poema e nesta pesquisa, pois a composição lírica da poeta Lívia Natália é atravessada pela ancestralidade, a qual segundo Eduardo Oliveira (2007), especialista em culturas afrobrasileiras e relações inter-étnicas da educação brasileira, está fundamenta no candomblé e arregimenta o povo de santo, estes que alimentam orixás, nkissis e voduns, fortalecem e mantêm a memória ancestral trazida de África para terras brasileiras e circulam as diferenças étnicas sendo assim possível a mim transcender em escrita e elaborar para esta pesquisa as riografias como o operador crítico-teórico-metodológico.

Contudo, antes disso, para que o caminho das reflexões seja possível e os pensamentos nos venham em permissões, peço *Ágó* àquelas que guardam as águas doces e salgadas, e permitem a palavra transcender os sentido e vir ao papel. Peço *Ágó*, também, ao poema que encerra a negritude onde mora a memória ancestral ao fazer concessões à língua e deixar vaziar grafias da memória no texto.

Desse modo, ao fazer travessias em riografias, como essas em que ressoam vozes de água doce, compreendo que esta pesquisa tece linhas em uma linguagem outra, a desenhar no cenário acadêmico rupturas com a produção do saber único e passar a caminhar em múltiplas

entradas e saídas em que as águas produzam modulações de vista ao dizer em yorubá sobre espelho de água, *abébé omin*, que afirma-se como recurso lírico do corpo negrofeminino em reexistência.

O espelho, tomado pelo ocidente como sendo simplesmente um objeto que reflete a imagem de um eu e, por vezes, remete a auto-importância inflada proveniente do pensamento narcisista não é o mesmo que o *abébé omin* posto inteiro nas mãos de *Osun* que canta, escuta, pisa e “[...] dança bruta e verdadeira no chão de minha alma [...]” (LÍVIA NATÁLIA, 2016, p. 37).

O espelho de que é tratado aqui diz respeito a uma arma poderosa que guarda memórias da ancestralidade ao possibilitar que a rainha das águas dos rios e cachoeiras possa observar a si e tudo ao seu redor. O *abébé* insere-se em uma dinâmica de gestão da vida que navega em outras águas quando supera a suposta vaidade para fincar-se em uma autoconsciência crítica:

Abèbè

Translúcida,
a Água dissimula no fundo calmo
a dobra do seu mistério

Portanto, ao seguir os versos que carregam memórias entendo que o *abèbè* de *osun* afirma-se para além da ontologia a qual compõe um eu que se pretende verdadeiro e, no entanto, se constitui a cada narrativa sobre si. Para esta composição lírica é preciso partir, deixar as âncoras ocidentais e percorrer “dentro desta lagoa funda e branda,/ neste rio que corre de mim a mim” (LÍVIA NATÁLIA, 2016, p. 37).

Diante o *abébé*, *Osun* dobra-se sobre sua própria força, e em profundezas sai “preenchendo tudo com seu castanho cristalino” (LÍVIA NATÁLIA, 2016, p. 37) fortifica o poder dos femininos e o que reflete nesta pesquisa, fazendo com que seja possível viver afirmativamente em signo de resistência construindo um projeto social, político e estético na produção literária baiana e brasileira em que mulheres negras que escrevem instauram epistemologias outras.

Segundo Eduardo Oliveira (2011, p. 1), epistemologia é “a fonte de produção de signos e significados concernentes ao jogo de sedução que a cultura é capaz de promover”, chegando a compreensão de que cada cultura produz seu próprio regime multiplicando-se em desterritorializações em que estruturas e singularidades estão correlacionadas. Desse modo, quando aciono a ancestralidade para refletir sobre a composição lírica dos poemas selecionados para esta pesquisa, promovo um encontro com a multiplicidade que africanizou o Brasil e que

está em constante movimento e por assim ser as riografias instauram uma prática epistemológica.

As riografias, tanto as que estão nos poemas como estas que vazam, em encontros, extensões, convergências e dissidências, até esta pesquisa e, desse modo a constitui como tal, abrem novos horizontes, portas, janelas e caminhos ultrapassando os alinhamentos da história para a formação de uma resistência decolonial para reexistências. As análises, problematizações e questionamentos no decorrer destes traçados dizem respeito a uma escrita negrofeminina apagada e silenciada pela história diante as distinções hierarquizadas que estabeleceram a dominação/exploração de mulheres negras.

Anuncio nesta cartografia realizada em grafias que escoam e se dão às águas em riografias palavras em operação de forças que rompem com a visão hegemônica, eurocêntrica e racista. Esta silencia e/ou apaga a produção negrofeminina na qual, também, está em pauta um feminismo decolonial de maneira a voltar o olhar sobre as opressões para legitimar outras epistemologias em que os saberes populares, da comunidade e da ancestralidade também constroem a crítica re (fazendo) a pretensão de análises universais.

Conforme aponta a escritora, ativista e pesquisadora negra e caribenha, Yuderkys Espinosa Miñoso, comprometida com a luta contra o racismo, sexismo no contexto decolonial:

La apuesta del feminismo decolonial es justamente superar la fragmentación y no solamente en la política que desarrollamos, porque lo que cuestionamos es una interpretación de la opresión que es fragmentada. Lo primero que estamos haciendo es entrarle al feminismo pero también a la misma lucha antirracista, a los movimientos negros, indígenas y mostrarle, digamos, los límites de una mirada que acepte esa fragmentación de las luchas y acepta esa fragmentación de la opresión, o sea, la mirada sobre la opresión. (YUDERKYS ESPINOSA MIÑOSO, 2014, p. 25)¹

Portanto, segundo Yuderkys Minõso, superar a fragmentação da análise e lutas é a aposta do feminismo decolonial o qual propõe um caminho da análise das opressões de gênero a partir de uma epistemologia de fronteira, esta que consiste em articular a diferença e não separar elementos de um ponto a outro como poderíamos supor.

O feminismo decolonial volta o olhar sobre a opressão de modo que seja possível reconhecer e enfrentar os múltiplos formatos que se apresentam à maioria das mulheres negras

¹A aposta do feminismo decolonial é justamente superar a fragmentação e não apenas na política que desenvolvemos, porque o que questionamos é uma interpretação da opressão que é fragmentada. A primeira coisa que estamos fazendo é introduzir o feminismo, mas também a própria luta anti-racista nos movimentos indígenas negros e mostrá-los, digamos, os limites de uma visão que aceita essa fragmentação das lutas e aceita essa fragmentação da opressão, isto é, o olhar sobre a opressão (YUDERKYS ESPINOSA MIÑOSO, 2014, p. 25, tradução nossa).

no mundo dissolvendo estruturas de dominação e exploração, moldadas pela colonialidade por entre experiências e produção crítica que revisa as hegemonias de maneira que seja possível acessar lugares outros de reflexão e ação política.

Dentre a multiplicidade de movimentos, os poemas da poeta Lívia Natália rompem com as repetições dos dias, produzem estranhamentos e fazem alianças com outros modos de pensar, distantes daqueles estabelecidos hierarquicamente, pois que esses deságuam e instauram imagens, sons, palavras mantendo a diferença ao constituir-se enquanto uma lírica de rupturas.

Sendo assim, os caminhos que percorrem esta pesquisa obedecem aos procedimentos da cartografia a qual busca investigar os processos que produzem vidas, ao acompanhar fluxos e intensidades. Com isso, o trabalho do cartógrafo consiste em uma prática que, segundo Suely Rolnik, diz respeito a:

Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido [...]. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas [...]. O que quer é aprender o movimento que surge da tensão fecunda entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, representações estancando o fluxo, canalizando as intensidades, dando-lhes sentido (SUELY ROLNIK, 2007, p. 65).

O problema para o cartógrafo não está em demarcar o verdadeiro e o falso, mas sim o “vitalizante-ou-destrutivo-ativo”, pois o que deseja é embarcar em constituições de realidades. Por isso ao expropriar, apropriar, devorar e desovar esta cartografia em grafias de água esta pesquisa traça valores que em sua ação chegam a transvalorar a vida tomando a ancestralidade como aquela que caminha além mar refazendo memórias dos cheiros das maresias, do canto empolado dos poemas de escamas silenciados e apagados pela máquina que impede criação de mundos.

Estas riografias rasuram a forma única, ferem a língua, montam e desmontam a história e a geografia, executam a operação de torcer e retorcer aquilo que parece impossível de ser dito, criam conexões e (re) fazem mecanismos. Diante disso, os estudos e conceitos produzidos por mulheres serão citados neste trabalho com nome e sobrenome em um agenciamento político-acadêmico a fim de subverter um campo de força engendrado por regimes patriarcais, além disso, aciono as lembranças de Luiza Bairros das falas de Lélia Gonzalez ao destacar que “negro tem que ter nome e sobrenome, senão os brancos arranjam um apelido...ao gosto deles” (LUIZA BAIROS, 1998, p. 2).

Apresento esta pesquisa dizendo EU, na primeira pessoa do singular, pois o que flui

nestas linhas me apresenta e me atravessa, e ao tomar o princípio do cartógrafo que é extramoral e, portanto tem como parâmetro expandir a vida, meu interesse é saber o quanto a esta pesquisa é possível encontrar canais de efetuação nestas linhas de água doce que deságuam em águas salgadas fazendo tudo fluir em oceanos, como no poema:

Oceano

O mar se deslembra homérico do que passou.
No seu infinito de profundezas tudo o que do mundo guarda, é apenas rastro do perdido.
O mar se recaminha todo o tempo, compulsivo, se busca na senda das ondas.

A areia,
Que guarda as lembranças todas
na minúscula caixa de cada grânulo, tem pena do mar.
Apenas por isto ela dança com suas Águas.
(LÍVIA NATÁLIA, 2015, p. 35)

O rio não cruza o mesmo lugar duas vezes, pois suas águas não param de fluir, seguem em movimento e mudanças, produzem a diferença e assim deságuam em imensidões que flutuam por entre e sob a codificação da vida rompendo com o que estrutura o racismo. Com isso, o que emana dos versos são outras forças quando diz que “o mar se deslembra homérico do que passou” (LÍVIA NATÁLIA, 2015, p. 35), pois sabem que o presente se esvai e está sendo sempre capturado pelo passado tomando as memórias como aquelas que são feitas em costuras e possibilita a captura do instante que dura, cria, cresce, ultrapassa.

O instante se faz na duração (des)limitando passado e presente, posto que toma a vida como movimento de memórias curtas – aquelas livres da doença do ressentimento – e regada da indivisibilidade de passado e presente na contra efetuação do instante (DELUZE, 1997).

As memórias tecidas conservam o instante em que as ondas dobram e o vento sopra arrastando a areia de maneira a conduzir “no seu infinito de profundezas/ tudo o que do mundo guarda” (LÍVIA NATÁLIA, 2015, p. 35), como o rastro das rotas marítimas que carregam o suor e sangue de africanos escravizados e indígenas assassinados pelo exercício do poder colonial. Ao ressurgir as almas negras lançadas das proas dos navios, elas revivem em águas brasileiras conduzidas por força de memória, trabalho e poesia e tomam para si terras de uma nova pátria por eles (re) feita. Tão poderoso o mar que é ponte afirmativa entre dores e (re) construções, elegendo nova rota para memorações.

Por isso, esquecer é lembrar, e nesse movimento as águas guardam o que passou na senda das ondas que balança fazendo a areia dançar, irrompendo das profundezas à superfície processos que constituem um corpo que foge as universalidades e reinvindica o encontro com

a multiplicidade ao tomar a ancestralidade como elemento de resistência na constituição histórica-política-social para o povo negro e princípio fundamental nas práticas de culto a orixás, *voduns* e *nkisis*.

Nesse sentido, tomo a ancestralidade como aquela que atravessa e tece em grossas bordas os versos da poeta Lívia Natália. Entendo que há um deslocamento do modo de organização do saber que é construído em uma dinâmica de respeito às experiências dos mais velhos, a vida em comunidade e a relação com a natureza, elementos constitutivos do sagrado.

A ancestralidade é o princípio de desorganização da progressividade, da unilinearidade, da evolução e da racionalidade ocidental que se impõe etnocentricamente aos povos africanos e afro-brasileiros. Retroalimenta-se da memória e da reatualização da tradição por ela construída, circula para viver e alimentar-se a si, mas não se trata de princípio absoluto, mas de uma lógica que escapa ao infinito que produz-se a si mesmo, diferenciando-se. Por isto falamos de polivalência de sentidos. (KIKI GIVIGI; JAQUELINE BARRETO; BRANDÃO, 2016, p. 7-8)

Para Eduardo Oliveira, a ancestralidade é categoria analítica que se alimenta da “experiência de africanos e afrodescendentes para compreender essa experiência múltipla sob um conceito que lhe dá unidade compreensiva, sem reduzir a multiplicidade da experiência a uma verdade, mas, pelo contrário, abre para uma polivalência dos sentidos” (OLIVEIRA, 2007, p. 4). Ao abrir-se sempre, a ancestralidade processa memórias, sentidos, inovações e organizações que fogem à medida temporal e epistemológica do ocidente.

Deste modo preservam a possibilidade de funcionamentos múltiplos e até díspares que (con) vivem a produzir possibilidades de aprendizagens que emergem da vida. Nas águas dos poemas de Lívia Natália reencontramos as almas no cotidiano negro que ensejam pororocas no *front* entre rio e mar, África-América do Sul, entreposto de negritudes afirmativas.

Portanto, colocar em cena tais experiências para a leitura dos versos da poeta constitui-se enquanto um projeto decolonial que recupera um repertório ancestral que circula desde o trânsito atlântico. Ainda que o trabalho da civilização ocidental tenha sido de colocar “o espírito africano na pia do batismo católico assim como, através da indústria turística, comerciam o negro como folclore, como ritmos, danças e canções” (NASCIMENTO, 1978, p. 148), as escritas negrofemininas da poeta Lívia Natália retoma a sabedoria do sagrado, da cultura no percurso das riografias.

3 ESCOAMENTOS, RELEVOS E COMPOSIÇÃO DAS ÁGUAS: AS RASURAS AO CÂNONE

“[...] *A fina transparência das águas
Não dissimula seu desamparo [...]*”
(LÍVIA NATÁLIA, 2015, p. 37)

Os versos, publicados por Lívia Natália em seus livros, trazem o rio e o mar como narradores de memórias da ancestralidade em que a composição das águas nos traçados negros da poeta contam em versos histórias de pretas e pretos que entre suor, sangue e lágrimas deslocam as disposições do poder para produção de outros possíveis em que a diferença seja efetuada como operador que destitui hierarquias entre corpos marcados pelo racismo e pela lógica binária de funcionamento do gênero, constituída no emaranhado do pensamento colonial.

A linguagem das páginas dos livros de Lívia Natália é dobrada nos versos tal qual o fluir das águas, de onde escorre uma escrita destituída de significados, que são rígidos e homogêneos, mas não de sentidos. Pois, entendo que, para navegar por entre as riografias da poeta, não se trata de compreender e/ou interpretar os significados dos poemas, mas de ensaiar modulações que fabricam desejos de perpetuar um estado de coisas, estas que estão no campo dos possíveis, ainda que a ordem e linearidade insistam em “tapar as linhas de fuga, parar ou interromper os movimentos de desterritorialização, lastreá-los, reestratificá-los” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 63). O que há nos versos da poeta é a efetuação da vida de corpos negros que não dissimula as práticas de resistências e visibilidades para ser e estar no mundo.

Ao compreender os versos aqui analisados enquanto uma lírica de rupturas, os movimentos de desterritorialização funcionam como forma de deslocar e reter a tradição. O que implica procedimentos, políticas, estratégias e construções que venham desembaraçar as linhas emaranhadas da normatividade do pensamento colonial em que a lógica opressiva faz uso de hierarquias binárias as quais operam as ausências de uma escrita negra e feminina nos estudos literários.

Nesta escrita, os caminhos percorridos pelos traçados negros da poeta Lívia Natália, incidem na constituição de uma lírica de rupturas ao descolar dos modelos europeus considerados universais os quais estabelecem hierarquias frente aos movimentos da diferença, como as que estão nestas riografias, que se colocam a romper com uma tradição que empoeirou, rasgou, escondeu, e por vezes, silenciou a produção literária de autoria negra, sobretudo, no que diz respeito a mulheres negras que escreveram e escrevem.

Ao pensar sobre uma lírica de rupturas, apresento os versos da poeta Lívia Natália como

potências que rasgam as representações para fora de si, a partir do entendimento de que não é uma voz que confessa, mas antes uma voz que produz um dobrar-se sobre si mesma para afirmar outros modos de tecer o cotidiano que é histórico, diverso e incessante produção de diferença, “um trabalho forte de amarração de alegrias e tristezas, de partilha e trabalho” (LÍVIA NATÁLIA, 2016, p. 101).

Desse modo, essa escrita permite um mergulho sobre nós a partir dos poemas que desafiam a dicotomia e de multiplicidades que fabricam a vida ao possibilitarem subverter as referências colonialistas que teorizam as mulheres negras enquanto força de trabalho e objeto sexual, num processo de coisificação e descarte.

Os versos da poeta Lívia Natália dizem que “um rio não caminha só,/ ele atravessa: rasga pedras e fere o chão com sua correnteza translúcida” (LÍVIA NATÁLIA, 2016, p. 31), com isso, os poemas escolhidos para estas riografias acompanham o escorregadio das pedras e força da corrente, atravessando e desaguando na cartografia que, ao acompanhar os movimentos de transformação da paisagem, trazem “marcas dos encontros que as foram constituindo” (SUELY ROLNIK, 2007, p. 24).

Cartografia e riografias encontram-se como o caminho que faz as águas que, mesmo em meio às pedras e às distâncias, movimentam as ondas a embalar travessias em jangadas e assim quebram as formas e traçam outras linhas em fuga: decompõem-se e compõem-se nos encontros, acelerações e freios da vida. Assim como a água encontra – faz, cava, flui – um caminho sempre, esta pesquisa cartográfica deságua em profundidades por entre as riografias dos versos da poeta Lívia Natália compondo outras águas de maneira tal que as linhas que aqui fluem em análises e reflexões constituem-se, também, em riografias. Águas em movimentos que problematizem o racismo e sexismo que apagam e invisibilizam a produção literária de mulheres negras ao partir do entendimento de que:

foram postas em vários discursos que deturpam nossa realidade: um debate sobre racismo onde o sujeito é homem negro, um discurso de gênero onde o sujeito é a mulher branca; e um discurso de classe onde “raça” não tem lugar. Nós ocupamos um lugar muito crítico, em teoria [...] tais narrativas separatistas mantêm a invisibilidade das mulheres negras nos debates acadêmicos e políticos (GRADA KILOMBA, 2012, p. 56, *apud* DJAMILA RIBEIRO, 2017, p. 38).

Portanto, os poemas que aqui escorrem sem desembocadura que os façam parar produzem alianças com modos de vida dentro da multiplicidade, repletos de trocas e encontros num entrecruzamento com os segredos das águas que se alinham a terra retomando as lembranças entalhadas na memória para quebrar as bordas. O movimento das águas permite

voltar-se sobre nós mesmos como numa dobra que exprime invenções de diferentes formas conosco e com o mundo por entre esta escrita riográfica que nos distancia da noção colonial do pensamento ao envergar-se sobre ela.

Segundo a poeta, e também pesquisadora e militante Lívia Natália com importantes trabalhos sobre escritas e estéticas da diferença, na qual dedica-se a produção literária de resistência negra, entende a poesia como um espaço em que:

[...] se construiu tradicionalmente uma representação do feminino pelo masculino na imagem da santa, da puta, da amada, desejada, desprezada ou inalcançável mulher, insere-se a rasura fundante de outro *modus faciendi* que passa, conforme apontou Florentina Santos, por uma proposta estética diferenciada que é insubmissa ao cânone do que se convencionou chamar de belo em literatura (LÍVIA NATÁLIA, 2011, p. 122).

Esta relação dicotômica convencionada entre o trabalho artístico masculino *versus* o feminino sustenta a hegemonia cultural de que ao masculino pertence a força e dom de criar, hierarquizando-a, a partir da naturalização da racionalidade, da linguagem e da produção como elemento exclusivo do masculino.

Dessa forma, a desarticulação do cânone pela produção intelectual, política e artística de mulheres negras se faz, entre palavras e coisas, num campo de forças que extraem potências em atos complexos que tange os Tempos na escrita negrofeminina de modo a descolonizar as perspectivas hegemônicas de que trata Lívia Natália.

Os processos que rasuram a forma única nos campos de estudos literários, em que a proposta estética destitui aquilo que foi convencionado a ser chamado de belo na literatura, consistem em lírica de rupturas, esta que desafia a estrutura, ao apresentar um modelo de resistência, estratégico-artístico-político-estético em que não mais há o contar do feminino pelo masculino, mas sim atravessamentos que agenciam multiplicidades permitindo o desmanchar do pensamento sexista, racista e misógino direcionado a produção literária de mulheres negras.

Nesse contexto, por em cena a escrita negra da poeta, que por entre os fios dos seus versos produz uma poesia que potencializa e expande a vida, é produzir possibilidades múltiplas de existência a partir de composições de forças, frente aos dispositivos de poder por seu potencial transgressor e invencionices languageiras.

Tais invencionices constituem-se enquanto potências de criação que brincam e ferem a língua tal qual criança e suas peraltagens, ou ainda, tal qual peixes ligeiros no “coração de Água que molda as pedras macias” (LIVIA NATÁLIA, 2017, p. 39) que no fazer literário em traçados negros refaz o mundo subvertendo-o.

Nesta pesquisa, são os movimentos das águas que dizem da construção poética e

conforme já apontado em pesquisas anteriores, a poesia é “a contra-informação por escapar aos mecanismos que fazem circular a ordem, esta articulação hierárquica a qual é atribuída negatividade, mas que também organiza a composição dos desejos e seus agenciamentos” (CAMILA CARMO, 2016, p. 15). Sendo assim, quando as intensidades do mundo atravessam tais mecanismos, a força das correntes formam linhas/palavras de modo a constituir o que chamamos literatura.

Ao retomar tal reflexão, entendo que a literatura funciona como aquela que cria sensações, em toda sua consistência, recortando do mundo possibilidades várias. O fazer literário existe numa rede de relações e não está separado dos encontros que faz com a vida, pois que as duas estão sempre sendo reinventadas e alterando as formas.

No entanto, ao visitar suas margens é possível visualizar as estratégias do poder para tentar impedir que as produções literárias não canônicas, sobretudo aquelas produzidas por mulheres negras, acessem os relevos e páginas da história literária brasileira.

A atuação cerceadora do poder permite que a escrita de mulheres negras seja capturada por seus mecanismos, ao inscrevê-las na lógica das interdições e silenciamentos. Com isso, sinalizo na escrita literária de mulheres negras, sobretudo as escritas da poeta Lívia Natália, como a possibilidade de enfrentar “bases ideológicas semelhantes as que permitem a existência do racismo, a crença na dominação construída com base em noções de inferioridade e superioridades” (LUIZA BAIROS, 1995, p. 462). Sendo possível, também, compreender os mecanismos que constituem a colonialidade do poder como exercício prático político da intersubjetividade que faz funcionar categorias conceituais em um espaço de dominação/construção colonial do pensamento.

Desse modo, o curso das águas na escrita negrofeminina de Lívia Natália é o ato político de erguer-se frente às tensões que constituem o corpo de mulheres negras como alvos de mutilações e rejeições. As escritas de água dos poemas selecionados para esta pesquisa extraem potências no ritmar das ondas e correntezas ao falar dos labirintos do cotidiano, do cheiro das maresias, das pedras e limos, das vozes que trovejam, dos movimentos afetivos.

Assim, esta seção diz **sobre e com** os traçados negros da poeta Lívia Natália que através de suas riografias, me permite fazer escoar uma análise crítica da normatividade estabelecida entre sexo-gênero-raça no contexto decolonial e instaurar discursos de reexistências termo usado pela professora Ana Lúcia da Silva Souza (2011) em sua pesquisa para designar a reinvenção de práticas sociais de jovens através do *hip-hop*, que aqui coloco em expansão e em diálogo com a resistência da escrita literária negra para possibilidades de existência em suas múltiplas formatações no fazer acadêmico a partir do entendimento de que o fazer político é

exercício prático do pensamento.

3.1 “NÃO HÁ PORTAS QUE CALEM ESTE MEU VOAR”: A INSURGÊNCIA DECOLONIAL DE CORPOS NEGROFEMININOS

Navegando no rio de palavras dos poemas publicados por Lívia Natália em seus livros, identifico conversas cheias de experiências que misturam o lirismo dos versos com aquilo que é o viver. Entendo que a vida e o lirismo extravasam e atravessam as dicotomias, coexistindo no fazer literário de maneira não hierarquizada e colocam na superfície dimensões múltiplas da vida que é, também, lírica. Geram-se daí movimentos que evidenciam a diferença, entendida aqui como aquela que diz respeito às identidades e às semelhanças, de modo que venha a dissolver tudo aquilo que é determinante.

Tomada pela energia e força ancestral para realizar e fazer as coisas acontecerem nessas linhas carregadas de ventanias, que movem as nuvens derrubando águas na extensão da terra, pude compreender que essas riografias estão na fina transparência das águas, que não necessariamente significa fonte de visibilidade, mas aquilo que reduz a espessura do mundo de modo a fazer ver que não há dissimulações ao colocar em cena a relação de conhecimento e poder para (re) fazer os percursos que nos foram/são impostos, que acabaram por apagar e cerceara atuação do corpo de mulheres negras no campo de estudo da literatura nos impedindo de ler, compartilhar e examinar produções outras para além daquelas contadas por Homero, Proust, Cervantes, Shakespeare, Platão, para citar alguns.

As relações de conhecimento e poder perpassam as produções que sustentam o pensamento colonial, o qual é a base para o funcionamento do racismo, que se constitui em campos de subordinação para pessoas negras. Desse modo, as “teorias da memória”, em que o tempo é dilatado fazendo circular histórias silenciadas, estão no contexto decolonial de maneira que as constituições políticas, sociais e históricas são retomadas para ser colocada em prática intervenções em que a escrita possa ser descentrada das “grandes” narrativas do passado.

Pensar em “teorias da memória” para essas riografias é entender que a poética de Lívia Natália penteia o tempo de outra maneira, de modo a compreender que este não é matéria e sim duração, funciona em uma sucessão de mudanças que integram a complexidade de um contexto social e político em que o exercício do poder até então interdita corpos negros. A tessitura da memória constituída pelo tempo constrói outros sentidos para as riografias arrumando os elementos de modo que tudo caiba.

Com isso, seguindo os rastros das muitas vozes que me antecedem e me atravessam, entendo que os ventos que movem as águas criam relações com o tempo e são esses movimentos

que constituem memórias em prolongamentos e conservações. Portanto, a poética de Livia Natália se relaciona com o tempo, essa construção movente que não age como espaço que possa ser quantificado (BERGSON, 1988 *apud* COELHO, 2004), pois passa pela compreensão de que “é puro labirinto, a diferença entre passado e presente é de natureza, portanto o passado não é um antigo presente, o tempo ontológico não é sucessivo, e sim simultâneo” (CRISTINA PESCUA, 2013, p. 71). Desse modo, o lirismo dos versos da poeta estão nesta pesquisa acadêmica para que seja possível enxergar novos e outros fluxos na história literária tomando as escritas negrofemininas como aquelas que possam constituir um repertório crítico outro nas produções literárias na Bahia e no Brasil.

A compreensão de que o tempo é duração, que modifica-se sem cessar e é arrastado vagorosamente constituindo memórias as quais demarcam momentos de força e fraqueza, reelaboram o fazer e com isso identifico meus rumos numa lenta e apressada elaboração de que corpos de mulheres negras não escapam às suas memórias, pois são estas que nos constroem e nos destroçam e mesmo que formado por uma série de regimes, estes corpos se constituem em reexistências.

Diante disso, para compreensão e discussão do campo teórico-político desta pesquisa, retomo o conceito de colonialidade do poder que toma a idéia de “raça” como fundamento do padrão universal de classificação social básica e de dominação social. Para entender tal funcionamento, caminho com os importantes estudos decoloniais e teoria crítica de Aníbal Quijano o qual explica que:

La colonialidad es uno de los elementos constitutivos y específicos del patrón mundial de poder capitalista. Se funda en la imposición de una clasificación racial/étnica de la población del mundo como piedra angular de dicho patrón de poder y opera en cada uno de los planos, ámbitos y dimensiones, materiales y subjetivas, de la existencia social cotidiana y a escala social (QUIJANO, 2014, p. 285).²

Nesse sentido, a proposta epistemológica de Quijano faz circular produções discursivas cujo funcionamento é a razão de ser da própria colonialidade e/ou desse modo de operar em que raça e exploração capitalista são constitutivos do sistema de poder. De maneira tal que se a colonialidade naturaliza uma suposta desassociação entre colonização e racismo, de modo que se dificulte a compreensão do funcionamento do poder nas ex-colônias, há também na sua constituição modos dissociantes que des-ontologizam um ser enunciador único e um enunciado

² A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Baseada na imposição de uma classificação racial/étnica em comparação com a população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões, materiais e subjetivas, da existência social cotidiana e a uma escala social (QUIJANO, 2014, p. 285, tradução nossa).

unívoco.

Ao percorrer os caminhos decoloniais, no entanto, encontro María Lugones (2014) que expande, critica e traz que as complexidades são cernes da proposição de Quijano ao partir da compreensão de que a colonialidade do poder intersubjetiva o gênero. Com isso, apresenta em seus estudos o uso da colonialidade como aquela que não diz respeito apenas a classificação de povos, mas a processos em que categorias eurocentradas não são suficientes para a compreensão das formas de desumanização, de sujeitificação e de como o gênero é concebido em sua funcionabilidade no interior do colonialismo.

Assim sendo, pensar sobre a poética de Lívia Natália é refletir sobre a mulher negra – produção da colonialidade do gênero, portanto também em sexualidades e raça – como quando no poema “Espelhos”, publicado no livro *Água Negra e Outras Águas* (2016), versos de um feminino com fendas que classificam, dividem e hierarquizam o corpo negro no mundo é desenhado de maneira a traçar o cotidiano em possibilidades de existência diversas, em que o “falar de si” entrega-se à duração do tempo em alianças e não-alianças com as cronologias e as memórias:

Espelhos

Antes minha mãe era aquela que chegava e saía para o trabalho.
Que ria de bochechas rebrilhantes,
que escaldava roupas brancas no fogo,
que alimentava a casa e fazia girar a grande roda da vida.

Agora não,
cada vez mais eu reconheço nela uma mulher
como eu.

Vejo seus seios bonitos,
suas curvas dobradas em gorduras macias,
suas mãos em gestos de silêncio,
seu olhar dançando pardo no mundo.

Minha mãe, antes de sê-lo, é uma mulher.

Seu corpo o denuncia.
E eu sou não apenas filha,
mas a prova mais poderosa de seu feminino frutificado.
(LÍVIA NATÁLIA, 2016, p. 27)

A dilatação do tempo reproduzida no corpo da mãe multiplica as dimensões do real de maneira que seja possível “*despegar la escritura poética de su herramienta retórica por excelencia, la metáfora*” (TAMARA KAMENSZAIN, 2018, *online*), de modo que seja possível entender que os versos não são compostos apenas por figuras de linguagem, mas por estratégias

de criação de mundo em que a mãe está inserida em desdobramentos múltiplos, desconstruindo a maternidade e entendendo que este corpo de mãe é também de mulher. Ao identificar na estrutura dos versos fragmentos de uma reconstrução da realidade ou ainda, como aponta Florencia Garramuño (2012) “restos do real” que ao dizer “Eu” tudo é reinventado e novas possibilidades de vida são encenadas e encarnadas, elementos literários ou não são reunidos para dizer das coisas no fazer poético.

Desse modo, os movimentos que teorizam os corpos negros, como aqueles que são subservientes e condescendentes, se desfazem nos versos dos poemas os quais agem em nome da vida e em sua defesa: “como um rio pedregoso [...] um corpo, como outro, cheio de véspera, onde brilha, num perfume úmido, toda a pungência das vespas” (LÍVIA NATÁLIA, 2016, p. 57). Os desdobramentos teóricos desta pesquisa, também estão inscritos nos versos da poeta que traz em sua escrita um corpo cheio de marcas, feito o rio pedregoso, mas tal qual a ação pungente das vespas, que carregam em seu ferrão modos de defesa e resistência, traçam um repertório cerceador da atuação feminina negra de maneira a operar estratégias de produção e expansão das subjetividades destituindo os posicionamentos hierárquicos sobre o corpo negro e mulheres negras.

São esses elementos que constituem a lírica de rupturas de que trata esta pesquisa, as quais fluem nos versos da poeta Livia Natália em que há apresentação de um sujeito lírico constituído como expressão do Eu que cede espaço para uma linguagem que exterioriza a si mesmo, ou seja, um “sujeito lírico fora de si”, que se constrói na exteriorização de si mesmo compondo uma “dicção poética contemporânea” em que vozes relacionam-se de forma horizontal sem hierarquizações como aponta Antônio Laranjeira (2014).

Desse modo, ao dizer da mãe trabalhadora e dona de casa, o sujeito lírico do poema transita entre o falar de si e do outro, mobilizando uma multiplicidade num complexo desdobramento de imagens e modelos, os quais circundam o entendimento de que “ao voltar os olhos para fora de si, afastando-se do mergulho em seu próprio interior, o sujeito do poema se cria, a partir das referências compartilhadas” (LARANJEIRA, 2014, p. 163). Assim retomo Antônio Laranjeira para compreender que na lírica de rupturas composta por Livia Natália há uma produção de negro, sabendo que este nome foi inventado para significar “exclusão, embrutecimento e degradação, ou seja, um limite sempre conjurado e abominado”, mas que por outro lado, também, apresenta-se como “símbolo de um desejo inconsciente de vida, força pujante, flutuante e plástica, plenamente engajada no ato de criação” (MBEMBE, 2014, p. 19).

Nesse sentido, é possível dizer que a construção lírica da poeta Livia Natália constitui-se em linhas que rompem a estrutura por estar inserida num tensionamento que expande as

fronteiras do gênero, colocando-o à deriva como categoria capaz de arregimentar corpos negros, ao cruzá-los a outros repertórios marcados por experiências diversas, como as que apontam Conceição Evaristo ao dizer que nas escritas de mulheres negras encontramos novos perfis “tanto do ponto de vista do conteúdo, como no da autoria. Uma inovação literária se dá profundamente marcada pelo lugar sócio-cultural em que essas escritoras se colocam para produzir suas escritas” (CONCEIÇÃO EVARISTO, 2005, p. 54), subvertendo os mecanismos que fazem funcionar as amarras das teorizações, isso quando estão dispostas a navegar e assim, criam encontros ao dizer de corpos de mulheres negras que não figuram na tradição literária impressa nas formas da mãe preta e lavadeira que escaldava roupas brancas no fogo, e alimentava a casa.

Expandir as fronteiras do gênero no contexto de colonialidade do poder trata-se em acompanhar as transformações contemporâneas de corpos que desarticulam e rasgam um padrão civilizacional demarcado pelo eixo eurocêntrico. Ainda, mais que isso, trata-se de questionar e deixar à deriva a própria capacidade do gênero – categoria também intersubjetivada pela modernidade colonial em demarcar em potência os femininos negros. Portanto, trazer a poética de Livia Natália como operador desse processo, o qual desmonta categorias já estabelecidas ao dizer de memórias apagadas e silenciadas frente às numerosas e cruéis interdições de corpos de mulheres negras, é deslocar-se do padrão colonial.

Com isso, salientar que a compreensão do gênero aqui é destituída da lógica binária, uma vez que a dicotomia articula-se para enrijecer repertórios sociais e culturais amalgamado sem padrões hegemônicos intersubjetivados, mas desarticulados da vida nas ex-colônias. Desse modo binarizado, o gênero funciona como código de colonização, de violência e desarticulação das vivências cujos sujeitos não necessariamente se organizam a partir do que seja feminino e masculino. Ao mesmo tempo em que denuncia as possibilidades estratégicas de criação que habitam nas vivências infrapolíticas femininas, estas invisibilizadas e nomeadas por padrão cognitivo europeu e descartadas junto aos corpos que as constitui.

Desejamos navegar por entre as fissuras que desarticulam a ordem colonial. Traço, então, uma linha de diálogo na qual sexo e gênero não são separados, nem opostos, mas inscritos em outros vínculos em consonância com Judith Butler (2000) quando afirma ser o gênero uma complexidade, uma coalização aberta, afirmando identidades alternativas, não fixadas, desfazendo o feminismo enquanto política de identidade e mantendo-se na fluidez.

Se antes o conceito de gênero como culturalmente construído, distinto do de sexo, como naturalmente adquirido formaram o par sexo/gênero, sobre o qual ainda se baseiam alguns estudos feministas, para demarcar a produção discursiva que inferioriza a mulher, agora temos

a destituição do par binário que naturalizam atos corporais como sendo o próprio corpo, como nas palavras de Judith Butler que explica:

A categoria do "sexo" é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de "ideal regulatório". Nesse sentido, pois, o "sexo" não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla. Assim, o "sexo" é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras, o "sexo" é um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o "sexo" e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas (JUDITH BUTLER, 2000, p. 111).

Em virtude das normas de gênero e sua cristalização, Judith Butler indica um outro movimento conceitual referente a sexo e gênero, entendendo-os como parte de uma prática, marcando o deslocamento das funções em que a força regulatória demarcam, fazem circular e diferenciam os corpos que governa, compreendendo que estas trabalham de forma performativa para a construção da materialidade dos corpos, ou seja, “o ‘sexo’ é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o ‘alguém’ simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo” (JUDITH BUTLER, 2000, p. 155). No exercício político e no circular de múltiplas produções, entendo que desamarrear as estratégias do poder colonial operando proliferações de combinações de gênero, de modo que perca seu poder normativo e regulador constitui-se como uma espécie de guerrilha que possibilita agarrar-se aos binarismos e esmagá-los.

Com isso, é possível enxergar no poema “Espelhos” como a multiplicidade de conexões atravessa um corpo de mulher negra de “curvas dobradas em gorduras macias” (LÍVIA NATÁLIA, 2016, p. 27) elaborado discursivamente dentro do pensamento colonial como um corpo desviante ou ininteligível. Deste modo, estas riografias como a força das correntes, constroem a compreensão de que outras formas de subjetivação problematizam e desfazem hierarquias construídas no interior das relações de poder, sendo o corpo negrofeminino aquele a realizar a denúncia fazendo girar a grande roda da vida, como no poema, que na arquitetura de seus versos luta contra os efeitos do poder colonial e produção de discursos que se pretendem únicos ou em oposição.

A colonialidade do poder ao constituir-se em torno da ideia de raça legítima/justifica as relações de dominação social, material, política, econômica e intersubjetiva. O sistema binário

de gênero, o qual é instituído enquanto categoria está estruturado no centro do projeto colonial e as considerações de Quijano sobre o poder colonial, no entanto, não são capazes de dizer dos processos que influem as relações de gênero.

Em consonância com María Lugones, é preciso mover as bases do feminismo para descolonizar o gênero e entender que este processo “localiza quem teoriza em meio a pessoas, em uma compreensão histórica, subjetiva/intersubjetivada relação oprimir-resistir na intersecção de sistemas complexos de opressão” (MARÍA LUGONES, 2014, p. 940). Assim, é possível compreender que as concepções ocidentais de gênero são enraizadas pelo processo de colonização que estruturam o “sistema colonial de gênero”.

Com isso, apagar a diferença colonial para destituição de subalternidades em que seja possível, também, resistir a colonialidade do gênero é questionar a homogeneização e ampliar o entendimento do que é mulher, produzindo espaços em que mulheres negras estejam em visibilidade. Sendo assim, a proposição de María Lugones que aqui se alinha diz respeito a visibilizar as relações de gênero e colonialidade entendendo que a classificação social sobre ideia de raça é imprescindível para o funcionamento do sistema colonial de gênero de modo a questionar a construção colonial moderna de gênero e sexualidade.

Nesse fluir das águas, o entendimento aqui percorre pela interrogação de como desarticular a ordem que funciona no discurso colonial de modo que seja possível compreender que o gênero funciona como dispositivo de organização social da cultura e esta por sua vez normatiza e organiza processos definidores do masculino e do feminino por meio de modelos hegemônicos, estes que nomeiam, classificam e hierarquizam as relações.

Portanto, quando os poemas que aqui escorrem, por vezes, dizem das faltas e ausências escrevem nas margens as relações do gênero em que os movimentos dos afetos estão cheios de vazios, circulando e moldando o sentir para ir e vir das fronteiras deslocadas das dominações que controlam e classificam os corpos negros.

A experiência estética proporcionada por essas riografias alargam o cenário crítico normalizado pelo jogo político de oposições binárias, de modo que assim como o peixe fura a pedra e a transforma, seja possível uma ruptura do modelo centralizador eurocêntrico, branco e heterossexual como determinante para as produções negrofemininas.

Com isso, coloco em cena a linha tênue entre o instante e a eternidade traçada nos versos do poema “Meu caro amigo”, compondo um arranjo breve e singelo numa cantiga lírico-amorosa cheia de ondas como as que formam no mar para dizer dos dispositivos que organizam não só o social e a cultura, mas também os afetos:

Meu caro amigo

Esta Nereide que te prende
Nas tramas dos seus lençóis
Te devorou.

Ela te guarda no delgado
De suas entranhas,
E viraste navio submerso
No negrume imenso.
Numa Água violenta,
Mas sem procelas,
Só suas mãos dançando
Sobre o mar de fios grossos.
Onde estás tudo é bruto,
E bichos ocultos bebem de sua sombra.

A vida me atravessa e não posso te contar:
Que emagreci e cortei os cabelos,
(eles agora crescem dobrando-se em cachos,
Como os teus, miúdos).
Que estou mais forte.
Que quase sei lutar.
Que esta semana me achei grávida
De um rebate falso.
Que tenho chorado.
E sou mesma igual a ti: puro silêncio

Enquanto esta Nereide penteia,
Com as mãos,
Os teus cabelos,
Vou desaprendendo a cantar,
Achando o mundo menos belo,
E todos os naufrágios que fiz de mim,
Pra te encontrar
Lambem as franjas das ondas
Por puro medo do profundo
Que há no mar.
(LÍVIA NATÁLIA, 2015, p. 92)

Com certo arranhar na garganta e como no balançar das águas, os versos apresentados formam melodias em timbres diversos que ecoam e surpreendem com tamanha afinação. O movimento violento e sem procelas do mar produzem um conjunto harmônico que solidificam memórias, reproduzem saudades, dizem do amar reticente entre os pares.

Os versos dizem de gritos sufocados por desejos inalcançáveis em que modos de amar são questionados em espaços que deveriam ser de convergência, nesse contexto assistimos à reprodução da objetificação e secundarização dos afetos dirigidos a mulheres negras e por isso, sigo questionando sobre como os fluxos são monitorados impedindo os movimentos em que é possível multiplicar os encontros sem reiterar o regime opressor em que mulheres negras são

preteridas trazendo para a cena debates em que afetividades e solidão são temas.

Pensar sobre as relações de gênero e de como esta produz os afetos na direção de corpos negros é aqui problematizado e questionado enquanto uma produção normativa que se hegemoniza, de maneira a fixar sujeitos numa prática discursiva que determina e controla os corpos dentro da linearidade sexo-gênero-heterossexualidade, tendo o sexo como pré-discursivo e determinante do gênero.

Retomo Judith Butler (2000), para dizer da relação entre o afeto e o gênero, pois esta, através de um constantemente questionado estudo, chama atenção para a necessidade de legitimar existências que a normatividade invisibiliza e organiza enquanto corpos cujas vidas não são respeitadas, entendidos como não importantes e é por isso que este repertório teórico é aqui traçado.

Entender os movimentos do gênero, a partir da compreensão de que este também organiza as relações afetivas, estas que por sua vez são políticas e caminham em conjunto com os fluxos de desejo demarcando regimes sensíveis, proporciona uma análise crítica da normatividade estabelecida entre sexo-gênero-raça, desfazendo a normatividade da escrita generificada. Tais entendimentos funcionam de maneira a fissurar as formas que silenciam modos mais múltiplos de produção literária, expõem o racismo e o sexismo que funcionam no discurso colonial.

Diante de tais elementos, a escrita da poeta leva-me a questionar como operam as categorias de gênero e raça e/ou sua separação na constituição de espaços que invisibilizam as estratégias infrapolíticas produzidas por femininos negros apagados e silenciados e assim busco compreender sobre: como o poder colonial articula-se e modula-se para produzir invisibilidades nas produções dos sujeitos?

Pensar em como operam as categorias de gênero e raça na constituição do espaço literário, em que produções de mulheres negras são apagadas e silenciadas, é retomar como o poder que circula faz calar, mas também pode mobilizar reexistências frente a produção literária negrofeminina que desfaz a homogeneidade da escrita como aponta Conceição Evaristo ao dizer que:

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficciona a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no *corpus* literário brasileiro imagens de autorrepresentação. Criam, então, uma literatura em que o corpo mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria

experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se torna o lugar da vida. (CONCEIÇÃO EVARISTO, 2005, p. 54).

Navegando entre correntezas e tempestades, o fazer literário da poeta Lívia Natália atravessa os caminhos negados: “rasga pedras e fere o chão com sua correnteza translúcida” (LÍVIA NATÁLIA, 2016, p. 31), tal qual faz o rio. Desse modo, as riografias saem em busca de produzir outros sentidos para os traçados negros e mulheres negras de maneira a diluir opressões e as operações discursivas que movimentam o racismo e o machismo.

As produções literárias de autoria feminina foram/são impressas em páginas, algumas já amarelecidas, e outras ainda em busca de espaço no mercado editorial. Suponho então, que a ausência se faz não só pela atribuição de menos *status* ao valor estético às produções literárias elaboradas por mulheres, mas também pelo apagamento e silenciamento produzido sobre as mulheres na vida social e pública brasileira.

3.2 FURAR A PEDRA E DESENHAR OUTRAS FORMAS DE DIZER PALAVRAS: FALAR DE SI E REEXISTIR

Ao pensar sobre as produções de mulheres negras retomo a construção de estratégias invalidadas pela discursividade heteronormativa, branca e masculina no Ocidente e de como assim “os fazeres” de mulheres negras são atribuídos como dissidentes à norma.

Portanto, os elementos que dizem respeito à atividade intelectual de mulheres negras tanto no trabalho acadêmico como no campo literário, para a compreensão de como os discursos que circulam enfeixam um sentido de teorizar “sobre a mulher” e desponta tanto o caráter misógino, quanto reafirma as antigas acepções criadas desde a senzala sobre nossos corpos também são delineados nesta pesquisa.

Segundo bell hooks (1995), o intelectual é alguém que lida com ideias de maneira a transgredir fronteiras discursivas em sua vital relação com uma cultura política:

E o conceito ocidental sexista/racista de quem e o que um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com a supremacia branca, toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, e torna o domínio intelectual um lugar “interdito!” (bell hooks, 1995, p. 468).

É possível dizer que tais posicionamentos seguem o caminho das águas, nessas riografias, que em meio aos movimentos das ondas em um mar em procelas, possibilitam operar

sobre o código que faz funcionar o racismo e sexismo os quais apagam e invisibilizam intelectuais e escritoras negras.

Diante as reflexões acerca da atividade intelectual, literária e identidades negras enquanto ações político-culturais e suas transformações contemporâneas, proponho para esta cartografia uma análise crítica das biografias da poeta Lívia Natália, de modo a estabelecer diálogos entre o fazer literário contemporâneo e a formação de intelectuais negras.

Os modos de exposição do eu aparecem nos poemas de Lívia Natália conforme a força da água que ao furar a pedra desenha outras formas de dizer palavras. São as escritas de si (do eu) em versos de rio que dizem da areia caindo na ampulheta, pois que “o rio, prene de negruras/ainda perfuma a noite, a juba, o silêncio das correntezas” (LÍVIA NATÁLIA, 2015, p. 44).

O cotidiano e os versos dos livros se cruzam formando um composto que extraem forças, nas quais estão presentes marcas de um falar de si, o que poderia levar-me a uma busca incessante pelos rastros autobiográficos de acontecimentos da vida da autora e de como acontece sua transcrição no texto, a partir da compreensão que há um conjunto de dados que circulam memórias, biografias, autorretratos e declarações na construção dos versos e deste modo os justificam.

No entanto, ainda que esteja impressa a relação *autor-personagem-narrador* a qual classifica uma autobiografia de que trata Philippe Lejeune (2008), é possível dizer que já não há mais aquela que escreveu, mas outras que se deslocam da identidade autoral e acaba por colocá-la em expansão, afastando-se da produção de sujeitos e verdades, camadas, faltas e interpretações.

São os agenciamentos coletivos, multiplicidades e não individualidades, que fazem alianças com a produção literária de Lívia Natália, ainda que discursos sobre propriedade centrados sobre um Eu estejam implicados no processo de despersonalização, o qual compõe linhas, articulações, estratos, territorialidades e agenciamentos, estes que estão dissociados do Eu não como renúncia de si mesmo, mas como exercício de colocar-se fora de si.

Portanto, em consonância com os filósofos Gilles Deleuze e Guattari (1995), a escrita aqui é entendida como atividade de agrimensar, não como um estado de coisas. Navegamos nos efeitos produzidos pela língua, para encontrar o entendimento da escrita como possibilidade de (re) inventar e, por assim ser, não se pode acumular em nenhum estrato para dizer-se de alguém porque se perde rizomaticamente, bem como não será possível dizer-lhe de alguém porque se aliou ao mundo.

As marcas de si (do eu) no texto podem configurar aquilo que Foucault chamou de

“práticas de si”, presentes no modo como os sujeitos foram estabelecidos ao longo da história, o que desenvolveu o dizer-a-verdade-sobre-si a partir da noção de parresia, que consiste na “manifestação de um vínculo fundamental entre a verdade dita e o pensamento de quem disse” (FOUCAULT, 2011, p. 12). No entanto, mesmo diante de todos esses aspectos, pergunto: outros possíveis são anunciados nesta relação texto e escritora? Como funciona esta escrita de si (do eu)? Quais suas multiplicidades e conexões?

Seguindo o saber de que não podemos entrar no mesmo rio, pois que as águas são sempre outras, é possível dizer o mesmo sobre as escritas de si em que tudo se reinventa e outros possíveis são anunciados como as invenções sobre novas possibilidades de vida permitindo o entendimento de como funciona essa produção literária de multiplicidades e conexões que através da escrita libera a vida seguindo o curso de que o Eu não é senão uma criação despersonalizada em exercício compondo linhas e articulações.

Ao refletir de como outros possíveis são anunciados nesta relação texto e escritora nestas riografias, dialogo sobre como as práticas de sina escrita de Lívia Natália também estão dispostas naquilo que Conceição Evaristo chamou de *escrevivências*, ao atravessar o corpo e a experiência compondo tanto o processo estético quanto retórico dessa escrita negrofeminina.

As *escrevivências* estão, também, presentes nos versos da poeta Lívia Natália pois que estes fazem parte de um processo de criação em que vivências constituem-se enquanto experiências de existências cujas vidas são constantemente ameaçadas e que escorrem na produção literária aqui analisada carregadas pela complexidade de suas grafias de água.

A poética de Lívia Natália faz escapar o que sufoca em um sujeito lírico fora de si a proliferar fugas, tomando como recurso para elaboração dessa escrita o cotidiano de um povo preto que dentro do universo escreviente ficcionaliza a vida, o que não se trata de inventar outra categoria analítica, mas sim de abrir novas perspectivas desfazendo-se de fixações e estabilidades que paralisam e por vezes entorpecem o pensamento para o entendimento de que falar de si na lírica negrofeminina é, para além de desfazer silenciamentos e apagamentos, incorporar ruídos e outras sonoridades nas construções hegemônicas por meio de uma produção literária que na arquitetura de seus versos fala sobre piscina feita de manilha, búzios que cantam, camas de areia e estações do ano.

A produção literária contemporânea está marcada por uma quebra das formas e fluidez do significado, atravessada por narrativas que falam de si em "território expandido" no qual, segundo Florencia Garramuño (2014), a diversidade encontrou lugar no texto com problemas e preocupações advindas dos mais variados campos e disciplinas, desde a antropologia a outras construções do saber, o que nos permite compreender e assinalar a literatura como produção da

diferença ao afirmar suas singularidades.

Seria possível dizer então que a literatura está pautada em rupturas em que transita por múltiplas composições expandindo o campo para as mais diversas questões que circulam em diversas áreas desde política à psicanálise e que, no entanto, não estão centradas em especificidade alguma, mas são incessantemente diferença, afinal, como bem apontou Flora Sussekind, “É com fragmentos, fotos, recortes, citações pela metade, descontinuidades que se monta a narrativa.” (FLORA SUSSEKIND, 1993, p. 278).

Segundo Florencia Garramuño (2014), a ideia de campo expandido – expressão inicialmente proposta e trabalhada por Rosalind Krauss no final dos anos 1970 – seria uma reflexão “sobre uma mutação daquilo que define o literário na literatura contemporânea, que em sua instabilidade e ebulição atenta até contra a própria noção de campo como espaço estático e fechado” (FLORENCIA GARRAMUÑO, 2014, p. 34).

Ao retomar Florencia Garramuño e suas reflexões sobre ler a literatura em campo expandido, é possível compreender de como que as escritas negrofemininas – produção da diferença – já fissuram as fronteiras do campo das artes e assim espalham, desde longos e outros tempos, as práticas artísticas para fora dos espaços que são comumente atribuídos. Afinal, trata-se de uma escrita em que histórias guardadas nas memórias são ficcionalizadas construindo outro real possível os quais estão inseridos no movimento da diáspora constituindo uma produção literária decolonial.

É possível pensar então, o infrapolítico nesta constituição em que a memória irrompe e marca a fissura decolonial na qual escritas negrofemininas encontram a memória tecida a partir de outra lógica e outra noção política. Ao retomar María Lugones (2014) para constituição desse pensamento, é possível dizer que um não moderno (em distinção ao que chamou-se de pré moderno, por ser isso um escalonamento) guarda estratégias de vivências latinas, negras e que foram desqualificadas pela modernidade colonial.

É a partir dessa noção de resistência e do desejo em descentrar as epistemologias eurocêntricas, ainda que de algum modo recaia numa outra identidade, que chego a compreensão junto às reflexões de María Lugones que as biografias incidem, também, sobre a ancestralidade, a cosmologia, dentre tantos outros elementos.

Com isso, a relação entre as estratégias infrapolíticas e a ancestralidade consistem em não segregarem as esferas do viver ao entender os dias como espaço privilegiado da criação em um tempo que se projeta dentro do cotidiano para criar uma relação partilhada com o romper do eu narcísico.

Dessa forma, podemos articular as escritas de mulheres negras, bem como os versos de

Lívia Natália, a outras formas, ao tomar a escrita dos poemas como aqueles que tecem palavras sobre indivíduos que escapam às expectativas hierárquicas. Assim traçam estratégias políticas-artístico-estéticas, que tensionam e subvertem o cotidiano ao apropriar-se de elementos que por vezes são tensionados a estarem fora do mundo, como a força da ancestralidade, a vida em casa, o corpo da mãe descrito no poema “Espelhos”, o banho de piscina na manilha arranjada, como a poeta conta no poema “Correntezas” do mesmo livro, e assim incorporá-los na produção literária.

Ao traçar elementos da vida no texto, interrogo sobre o que faz a literatura contemporânea. Esta é constituída apenas por uma voz que insiste em contar sobre si mesmo na intimidade? Quando finda a fronteira narrativa e ficção? Esta pesquisa é um convite a pensar sobre como a literatura opera por meio de uma linguagem que metamorfoseia o real ao ser contada por sujeitos dissidentes à norma.

A busca por compreender em que medida os traçados negros de Lívia Natália consistem em falar de si gera potências para as problematizações das intersecções – raça, gênero, sexualidades – que foram inseridos em lugares subalternos (e não naturais) para a escrita negra e mulheres negras, o que configura em um importante elemento para destacar a literatura como lugar de exercício do poder e assim, problematizar repertórios discursivos hegemônicos que contemporaneamente teorizam a mulher negra e restringe a um corpo que termina na pele, e instituem relações de forças (ancoradas no aparato discursivo) que estabelecem aquilo que pode ou não ser dito.

Portanto, silêncios e apagamentos também são forças presentes na escrita e no exercício de poder literário, onde as práticas e vozes dissonantes desafiam os cânones. Essa discussão motiva a arregimentação de discursos minoritários, decoloniais e de reexistência sobre/com/pelos femininos que problematizam relações de forças.

Nesse sentido, quando na incorporação da narrativa visualizamos na escrita o movimento da câmera como em um filme e o clique da fotografia a contar da flecha cortando o ar, da água do mar que corre para o rio, do prato vazio instaurando a fome, o olhar cabisbaixo de quem não se sente pertencente ao mundo, do amor negado, do racismo e machismo em corredeiras, novos perfis são traçados na escrita literária negrofeminina.

Para pensar nessa escrita negra e feminina, retomo as formas corais a partir do entendimento de que desfazem as fronteiras marcadas pela fixidez entre o campo literário e outros campos de produção, formando um coro que performa uma multiplicidade de vozes, expressas no que dizem as partes do corpo materno no poema “Espelhos”, o que indica, também, uma forma de representação na escuta dos versos e ainda remetem questionamentos a

esta “ideia” de representar diante o modo contemporâneo de produção.

Assim, o texto vai acontecendo aos remendos, de maneira fragmentada e disforme tal qual é a vida, pois que a vida no texto e a vida do texto se embarçam no fazer literário implodindo o falar de si do sujeito não como um Eu, mas antes como objeto palpável nesses versos rasgados e descontínuos que fabricam a si e a vida numa série de operações.

Há também no poema “Correntezas”, uma eclosão de vozes numa sobreposição de registros, que se misturam à piscina clandestina, às ações do pai, à felicidade dos filhos e avisos da mãe:

Correntezas

Correntezas
Chuva forte,
manilha cheia
– piscina clandestina no meio do inverno.

Criminosos, falsários, marginais de toda espécie
se banhando na água cinza,
na água azul-celeste,
na água-sonho, água-paz, água-silêncio.

Burladores dalei:
“Banho de manilha só no domingo,
comigo em casa!,
trina a voz materna...
– “gasta muita água” –
Eis a desculpa.

O criminoso-mor, anunciava
(nós, ainda de barriga cheia,
cheios de afazeres escolares,
narizes lambicando gripados,
faltando água na vizinhança,
a conta de Embasa nas alturas):
“Vamos tomar banho de manilha!”

Manilha cheia,
James Taylor na vitrola
E mamãe dizendo: “Seu pai quer matar vocês!”
(LÍVIA NATÁLIA, 2016, p. 39)

O poema apresenta operações de escuta em que ressoa elementos verbais e não verbais numa multiplicidade de vozes, corralidades, em modos expressivos diversos: “vamos tomar banho de manilha!”; “narizes lambicando gripados”, fabricando o presente com a realidade cotidiana produzida e construída nos versos em que vida e linguagem estão imbricadas, nas formas da primeira pessoa, não só como confissão ou autobiografia, mas como ficção em

autobservação de si e do texto.

A escrita negrofeminina instaura subjetividades que permitem traçar potencialidades numa rede de relações políticas, sociais e culturais. Portanto, a linguagem instaurada na poética de Lívia Natália não se opõe a vida, é de uma ordem outra, diz respeito a alianças e involução, que conforme Deleuze, *involuir*, consiste em um “bloco que corre seguindo sua própria linha, “entre” os termos postos em jogo, e sob as relações assinaláveis” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 20).

A vida é narrativa, fazendo os desejos produzirem territórios, fazendo a palavra molhada respirar, por isso, as águas que correm ligeiras nesses versos mostram de como se vive nas periferias, entre isto ou aquilo eclodem no poema as vozes do estado, da mãe, do pai, da poeta e de tantas outras que, no movimento violento nos empurra às margens e nos fazem ter que escolher.

Os recursos de linguagem utilizados nos versos dizem das inovações literárias de que tratei acima, em que é possível ver *flashes* de cinema e documentário em um contexto social marcado por pouco luxo: “manilha cheia – piscina clandestina no meio do inverno”. Nessa eclosão de vozes há um falar de si sob o olhar do outro, em que a manilha assina um parecer social dessa família que pela seleção do léxico nos versos facilmente poderia ser comparada a uma manchete de jornal: “Burladores da lei”.

O arranjo feito em fluxos não armazenados pela ordem estabelecida na voz da mãe comandante – “banho de manilha só no domingo, comigo em casa!” – fez esboçar novas composições para o riso, o brincar, a entrega, permitindo dizer sim e transvalorar a vida.

Dessa forma, quando os versos dizem “Eu” ao contar sobre a mãe e seus dias em casa ou ainda de como brincar no quintal com os irmãos numa piscina feita de manilha elaborada pela figura paterna, aparecem na constituição lírica potencialidades que dizem: “fale de si mesmo. E ao escrever sobre si mesmo comece a se ver como se fosse outro” (MATAS, 2005, p. 145), pois que este “Eu” caminha na direção da multiplicidade em variadas dimensões, pois que não param de se transformar.

Ao colocar a vida no texto, o poema diz sobre possibilidades outras dos dias no desejo de ultrapassar o vivido. Por ser uma construção do real, investe no real em um encontro que desterritorializa, envolve e traça linhas de fuga e assim, ao dizer “Eu” os versos produzem efeitos subjetivos na elaboração da narrativa formando e recriando o sujeito, pois que ao contar sobre si mesmo este “eu” se reinventa, se faz e refaz enquanto escreve.

Em “Correntezas” a vida em casa é narrada em festa, a inscrição do eu é contada na voz da mãe que repreende: “banho de manilha só no domingo, comigo em casa”, na voz do pai com

o convite: “vamos tomar banho de manilha” e na voz daquela que conta: “nós, ainda de barriga cheia, cheios de fazeres escolares”. O que importa aqui não são se os elementos da vida, presentes nos versos, são reais ou não, mas de que forma aparecem a compor uma lírica de rupturas no fazer literário contemporâneo.

A figuração de si presente nos versos da poeta negra Livia Natalia é ficcionalizante, o que pode remeter aqui ao conceito de autoficção trabalhado por Doubrovsky, que não está encerrado apenas no entendimento de que seja a combinação de ficção com autobiografia, mas narrativas de si moldada pela ficção, “roteirização romanesca da própria vida” (DOUBROVSKY, 2014, p. 122-124) .

No entanto, essas escritas de si (do eu) que constituem a poética de Lívia Natália ainda que tenham similitudes com a conceituação de Doubrovsky, desnudam a linha que separa autora e narradora e a ideia de só dizer “eu”, encaminhando a narrativa para um fora de si. A poética de Lívia Natália é de uma ordem outra, trata-se de uma escrita escrivente em que as águas são as responsáveis pela construção dos versos, que são elaborações da existência e inauguram um novo território, pois consistem em riografias estas que recortam o mundo e o dobra fazendo tudo fluir, cruzando fronteiras, alterando as densidades.

Dessa forma, é possível dizer que os critérios estabelecidos para o diálogo entre a produção literária contemporânea e os traçados negros da poeta constitui-se em afastar-se da representação do objeto e passar a acompanhar processos sem estabelecer um caminho linear, mas que tenha como proposição a criação de seus próprios movimentos e desvios de que dizem as riografias.

A multiplicidade das formas que integram o espaço da narrativa dos poemas, estruturada no falar de si, conta de diferentes modos as experiências de vida e assim constitui possibilidades de ação política, aperfeiçoamento ou reposição de elementos da vida, como os lugares de poder eivados de significações geradas em um contexto de colonialidade produzindo, também, um modo de viver nesse espaço.

Essas práticas constituem experiências diante das possibilidades de relação do corpo negrofeminino com o mundo, seus modos de se apresentar e funcionar na relação político-social, bem como por entre os modos de existência que nada tem a ver com invenções do indivíduo, mas exercícios de si sobre si mesmo (FOUCAULT, 2005), os quais potencializam modos mais múltiplos em favor da não centralização dos sentidos.

A busca por compreender em que medida a escrita de si nos poemas de Lívia Natália traçam elementos da vida no texto, fazendo reverberar outras vozes, nesse processo de coralidade, onde ao falar do corpo da mãe e suas dobras, as repreensões materna, frente ao

banho de manilha como oferta de recreação do pai, consistem desse modo em uma multiplicidade de vozes atravessadas nos versos.

Assim, o entendimento da produção literária contemporânea e suas transformações são de como a linguagem que metamorfoseia o real, ao ser narrada pela escritora negra, traça possibilidades de analisar as maneiras como tais escritos, ao contar sobre si mesmo, expõem, também, um eu distanciado de si mesmo.

Desse modo, é possível dizer que este estudo constitui-se como exercício político de *corpus* negros inseridos no espaço acadêmico de maneira a instituir outras epistemologias para a afirmação das estratégias de resistência para reexistências ao rever discursos que reforçam limitações e exclusões e sua multiplicação em tempos de renovações e autoritarismos.

Nestas biografias, resistir para reexistir diz respeito à captura de complexidades sociais que produzem o racismo, machismo e sexismo de modo a produzir linhas de fuga, estas que escapam as formas e quebram as estruturas totalizantes fazendo com que as águas transbordem em direções várias construindo sentidos que provoquem rupturas no sistema de operação das hierarquias. Portanto, constitui-se como afirmação política e estratégica que vem perturbar o amálgama construído pela colonialidade do poder, afinal, como apontou Angela Davis (2016, p. 112), a produção do saber pelas pessoas negras está inevitavelmente associada à “batalha coletiva de seu povo por liberdade”.

Os versos do poema “Esquecimentos” publicado no livro *Correntezas e outros estudos marinhos* (2015) são constituídos de muito do que persiste na memória:

ESQUECIMENTOS

Para minha Mãe

Se doer mais um pouco,
de minha boca sairão pedras
e tochas acesas devorarão minha carne.

Se doer só mais um pouco,
as palavras brotarão de meus poros
e minha boca se demorará em silêncios.

Se doer ainda mais,
nascerá um sangue bruto entre meus dentes

e meu útero perderá seus segredos de vazio.
(LÍVIA NATÁLIA, 2015, p. 29)

Ao realizar a leitura dos versos identifico que em seus traçados negros há constituição de discursos de reexistências, o poema produz uma imagem de um corpo negrofeminino prestes a desvanecer frente a quedas e errâncias na repetição das experiências que cortam e ferem. Ao

passar por cada linha que compõe os versos, interrogo-me sobre o que fica nesses estratos e fixo o olhar em “Esquecimentos” anunciado em prelúdio no título do poema, mas entendendo que é sobre não esquecer de que trata essas linhas, não como modo de funcionamento do ressentimento que produz má consciência, impedem ações e retorna a dor sobre si mesmo e sim como forças que afirmam a vida em vontade de potência que flui e renova-se embora dores deixem os dias molhados e em silêncios prolongados.

As memórias, constituídas daquilo que é dito e do que é visto, se dá num coletivo de forças no plano das experiências e singularidades de um corpo negrofeminino em reexistência que ao ser submetido a movimentos de subalternização se demora em silêncios e tem a carne devorada. Esse corpo negrofeminino que apesar de colonizado, ritualizado pelo apagamento do gênero e da sexualidade, por escritas em escamas coloniais, representativas e amalgamadas pelo ocidente, estende-se à invenção da mulher negra por onde vazam sentidos complexos de raça e gênero.

Tudo se desvanece em meio ao caos que faz calar, mas que também mobiliza reexistências fazendo nascer um sangue bruto entre os dentes que faz escorrer as memórias não higienizadas pelo colonialismo, ao perder segredos de vazio o útero violado e roubado continua a parir, pretas e pretos, e diz das impugnações que se faz ao nascimento.

Ao mergulhar por essas águas, não posso deixar de fora a compreensão de que os versos traçam acontecimentos de um corpo negro inseridos em ligações de uma máquina social que exclui sujeitos que carregam a pele preta de modo a estabelecer categorias e hierarquizações a partir das diferenças. No entanto, é com o escorrer dos versos que aquilo que dói faz-se grito de força colocando em movimento corpos negros apagados e silenciados pelos estereótipos de subserviência, malícia, sensualidade, irreverência e raiva.

Os processos que constituem a escrita dos versos são atravessados pelas correntezas das águas doces, pois que é possível ouvir quando passam as margens desfazendo as bordas de modo que as pedras que estão no rio sejam vistas, nos versos e nas linhas deste trabalho, se emendando com a terra, limo, lama, líquido vão e que apesar de sua dureza são elas que modificam formas pré-estabelecidas e ultrapassam o encadeamento contínuo do apagamento e silenciamento. São essas escritas de si em reexistências, que tecem o “eu”, como já dito aqui, não como uma voz que confessa, mas antes uma voz que produz um dobrar-se sobre si mesmo, para afirmar outros modos ao dizer do cotidiano e de corpos femininos feridos, inseridos em conflitos de poder.

Ao ler o poema “Esquecimentos” retomo corpos de mulheres negras e suscito nestas riografias a reflexão sobre os mecanismos que inserem os sujeitos dissidentes à norma a

transgressões, de modo que seja possível destacar a literatura como exercício de poder e assim romper com as barreiras construídas para impedir de fazer expandir e movimentar vidas negras femininas silenciadas e apagadas pelo racismo, machismo e sexismo.

Com isso, refiro-me mais uma vez a organização colonial/moderna do gênero que exclui a diferença, silencia e apaga estratégias infrapolíticas produzidas por femininos negros, bem como outros femininos subalternizados. Conceição Evaristo aponta relação entre o fazer literário negrofeminino e o contexto social em que escritoras e escritores estão inseridos ao questionar os modos de circulação do racismo e sexismo no campo literário:

A sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e grande parte da maioria negra, certamente influiu e influi em minha subjetividade. E pergunto: será que o ponto de vista veiculado pelo texto se desvencilha totalmente da subjetividade de seu criador ou de sua criadora? (CONCEIÇÃO EVARISTO, 2011, p. 133).

Desse modo, apresento problematizações sobre como o corpo dos indivíduos, que tencionam, subvertem e escapam as expectativas hierárquicas, se encontram na escrita literária ao traçar estratégias políticas-artístico-estéticas para problematizar questões que apresentam os femininos invalidados e inferiorizados pelo racismo, cujos códigos acionam a máquina branca normativa.

Na leitura do poema “Esquecimentos” publicado pela poeta Lívia Natália, visualizei uma escrita de si em que as experiências de um corpo negrofeminino marcado pela dor constitui exercícios sobre nós mesmas sendo o útero que verte a água correnteza de palavras que faz da dor criação e sendo elas as responsáveis em fazer movimentar essa escrita em versos, visualizo o poema escorrer no papel em riografias frente às correntezas as quais seguem fluxos que re (fazem) os sentidos de pureza e unicidade que recusam a diferença de modo a conservar um passado que reforça exclusões.

Dessa forma, foi possível atravessar o curso das águas em que sua corrente é mais forte para entender que a vida de mulheres negras não importa dentro de uma lógica racista que faz sangrar o corpo, exclui afetividades e nossas composições singulares, por isso a busca por compreender processos que constroem discursos sobre a produção do gênero em espaços políticos colonizados em meio à crítica decolonial, ao pensamento binário e modelos hierarquicamente instituídos de maneira a enfatizar o pensamento da diferença.

Os modos de operação desta pesquisa atentam-se para pistas que dão potência aos movimentos do desejo e possibilitam traçar mapas voltados para “uma experimentação

ancorada no real” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22) que ultrapassa a si mesmo e torna-se outra coisa.

Segundo a pesquisadora Suely Rolnik, “a cartografia é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 2007, p. 23), portanto, as linhas aqui traçadas consistem em acompanhar movimentos de territorialização e desterritorialização que se fazem frente às intensidades do poema, numa operação de forças que me coloca dentro e fora desses versos.

Acompanhar como exercício/operação de pesquisa, os processos e produção de subjetividades dos traçados de uma escrita negra que fala sobre si em grafias de rio, instaura um colocar-se fora de si a reinventar um eu que é múltiplo, portanto “a processualidade se faz presente nos avanços e nas paradas, em campo, em letras e linhas, na escrita, em nós [...] a partir do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra” (LISIANE AGUIAR, 2010, p. 3).

O fazer desta pesquisa cartográfica não consiste em uma reprodução de contornos de uma superfície a outra tal qual um decalque, mas consiste na fluidez inscrita nos versos de água engenhosamente construídos, os quais desarrumam a estrutura e constroem outro real possível.

O poema “Esquecimentos” forma uma imagem de dores que devoram a carne, ao conectar-se a multiplicidades de movimentos que rasuram a forma única de maneira a distorcer a sintaxe derramando *Águas Negras* na alvura da literatura brasileira. Ao ler “Esquecimentos”, alianças com outros modos de pensar em ramificações que se espalham nesta cartografia produzindo linhas de fuga foram instaladas nas frestas que possibilitam fugir aos modelos não na tentativa de negá-los, mas estendê-los para criação de novos caminhos e modulações outras em que padrões possam ser desarmados para expansão de vidas negras consideradas não importantes.

A poesia produz reexistências, ou seja, possibilidades de existência a partir de composições de forças frente aos dispositivos de poder, por seu potencial transgressor e de criação. No poema, as reexistências aparecem nos micros espaços da semântica, no reconhecimento das dores e suas camadas quando justapostas se afetam mutuamente: “se doer só mais um pouco, as palavras brotarão de meus poros” e assim operam por intensidades difíceis de serem apreendidas.

No entanto, tais intensidades possibilitam questionar os discursos hegemônicos por entre os versos do poema “Esquecimentos” e assim traçar estratégias políticas-artístico-estéticas para problematizar questões que apresentam os femininos invalidados e inferiorizados pelo racismo que seguem o fluxo das correntezas e não cessa de esgarçar o cânone.

Desse modo, a pesquisa embaraça a norma, envergando-se sobre ela por meio da multiplicação e afirmação de estratégias dissidentes ao trazer a escrita de mulher negra para a cena crítica literária e rachar as concepções estéticas pautadas na palavra erguida instituída no sublime. Os versos publicados no poema possibilitam subverter referências colonialistas:

em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor[...] Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra, não lhe conferindo nenhum papel no qual ela se afirme como centro de uma descendência (CONCEIÇÃO EVARISTO, 2009, p. 23).

Assim, teorias de como o corpo de mulheres negras são constituídos enquanto força de trabalho e objeto sexual circulam, também, no sistema literário brasileiro e o poema “Esquecimentos” aparece neste trabalho como aquele que mimetiza a força e potência dessas mulheres que, uma vez reificadas, não cabem nesses espaços e os extrapolam com vivências infrapolíticas, por entre uma rede de forças em que tais discursos andam conectados em suas modulações e ainda que sejam de exaustão negam a castração e o silenciamento.

O poema carrega uma voz de urgência: “Se doer mais um pouco, de minha boca sairão pedras”, um alerta para que linhas de fuga sejam traçadas: “Se doer ainda mais, nascerá um sangue bruto entre meus dentes”, essas linhas compõem e desfazem territórios para que o encontro com as potencialidades possibilitem a produção de outros acessos e desvios.

O poema “Esquecimentos” quebra formas e traça outras linhas permitindo o exercício político através de uma lírica de rupturas que se encarrega de navegar na tempestade atravessando um fluxo de palavras que costuram e descosturam um corpo marcado pelo racismo. Os versos tratam de inventar uma pele que territorialize o afeto e trace linhas de fugas distante dos abismos e assim desafiam o cânone. Portanto, os processos que constituem a escrita dos versos são também “crítica da opressão de gênero racializada, colonial e capitalista heterossexualizada visando uma transformação vivida do social” (MARIA LUGONES, 2014, p. 940).

Por muitas entradas e saídas a escrita de si do poema “Esquecimentos” encontra em toda sua consistência a produção de potências do corpo negro feminino para decolonizar o gênero, o que demanda reestruturação do campo de estudo da Teoria Literária que toma o texto como apuro estético no altar da beleza.

Com isso, decolonizar o gênero diz respeito a rasurar a forma única sobre as hierarquias de raça, gênero e do saber eurocentrado através da prática social que não se reduz ao fazer como, parecer com, ou ainda produzir um eu, mas que se coloca na fluidez de modo a

estabelecer uma rede de encontros onde a diferença está sempre sendo reinventada.

Assim, diante da proposta aqui desenvolvida, é possível pensar na colonialidade do poder e suas intersecções constitutivas, teorizar e problematizar a resistência junto a escrita do poema que descentraliza o lugar do mesmo e investe na possibilidade de outros modos de viver que sejam de potência.

A compreensão do funcionamento do poema como uma máquina de invenção que constitui mecanismos de uso para operação através de forças, estabelece relação entre os processos de subjetivação e a arte literária, a partir dos modos de sentir, ver e ser em linhas, sons e cores do poema “Esquecimentos” publicado pela poeta Lívia Natália.

Através desta escrita em versos que evocam a questão racial e com ela questões que envolvem discursos cerceadores da atuação feminina negra no campo literário, este trabalho, ao dizer como o corpo da mulher negra, marcado por rituais e regras, constitui-se por meio de um repertório discursivo que o torna generificado, propõe problematizações acerca da multiplicidade que compõe os repertórios do gênero os quais estão em constante processo de diferenciação produzindo novos territórios.

Sublinho os processos de uma escrita de si ao dizer dos movimentos do mundo e ao fazer uso das propriedades do ritmo, da imagem e da linguagem que corta e fere para compor a operação poética a qual é, também, social e política.

4 “ONDE CANTA O ESTALIDO”: ESTÉTICA NEGRA DE UMA ESCRITA DE ÁGUA

Ao fazer fluir traçados negros nesta pesquisa, é possível desembocar no entendimento da rede de interdições que agem a fim de constituir discursos em que o sujeito negro é visto como aquele que não pensa, retomando assim um dos perfis delineados nos movimentos do sistema escravista:

de acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparadas ao epítome branco da humanidade. Mas, se fossem realmente inferiores em termos biológicos, as pessoas negras nunca teriam manifestado desejo nem capacidade de adquirir conhecimento. Portanto, não teria sido necessário proibi-las de aprender. Na realidade, é claro, a população negra sempre demonstrou uma impaciência feroz no que se refere à aquisição de educação (ANGELA DAVIS, 2016, p. 109).

Sendo assim, perscrutar vozes adormecidas e silenciadas, carregadas de estereótipos em que singularidades são excluídas, possibilita a compreensão do emaranhado discursivo que continua a anunciar as hierarquias entre sexo/raça/classe de modo a estabelecer relações de superioridade e inferioridade ao constituir estratégia para inibir a produção artística e/ou literária de sujeitos negros, sobretudo de mulheres negras, pelo perfil racista construído de que somos “unidades de trabalho lucrativas”, como apontou Angela Davis (2016), sendo desconsiderada a possibilidade de intelecto e de uso de aspectos lógicos, insistindo no caráter imitativo e emocional como aquele que rege, segundo as representações sexistas, o processo criativo da mulher.

Diante de tais reflexões, compreendo a produção de mulheres negras enquanto ações político-culturais em que as escritas negrofemininas “rompem a dicotomia falsamente debatida de que o fato de se anunciarem tendo em vista questões políticas poderia levá-las a uma redução ou esvaziamento da sua esteticidade” (DIANE LIMA, 2017, p. 192). Ao passar destas bordas, foi possível habitar a superfície construída que toma a produção negrofeminina enquanto categoria de análise fazendo circular para além do código hegemônico, sendo os traçados negros de Lívia Natália exercícios de vida de modo que sentir seja o que melhor se tenha.

Para chegar a essa concepção, tomei o mundo como plano de intensidades em que expressões de forças são movidas pelas águas que absorvem, acumulam e descarregam vibrações e assim é possível caminhar por dualidades ao mesmo passo ser arrancando delas em uma complexa relação de caudalosas e brandas águas que fazem funcionar a cabeça e tudo o

que ela carrega, como os olhos que permitem enxergar os versos da poeta:

Ori

Um rio não caminha só,
ele atravessa:
rasga pedras e fere o chão com sua correnteza translúcida.

A água que cabe apaziguada no copo,
dança macia nos corpos
e escapa sinuosa das mãos
está sempre caminhando.

Dentro do rio cabe um mais além das margens
e seu limite frágil,
entre o que é mato rasteiro,
terra desfeita em lama ligeira e líquido vão.

Dentro desta água doce cabe a violência das torrentes.
Dentro da água há um espaço sempre preenchido
onde dança uma mulher castanha ebela.

No fundo, mais que limo e pedra,
há pulseiras vivas e perfumes feitos de puro mistério.

Quando a água para
– aquietada na carne lívida das lagoas –
dentro dela há muita vida.
Uma luz dourada emana de seus limites
como de um ventre,
enquanto os peixes bebem de seu encanto silencioso
(LÍVIA NATÁLIA, 2016, p. 31)

Em um composto de sensações os traçados negros de Lívia Natália ora me entregam raios, fogo e trovões, ora oferecem a mata, o ferro e a caça, pois suas riografias dizem de corpos em contínuo fazer e desfazer rompendo com as expressões do vivido e formando possibilidades de vida distintas daquelas vivenciadas numa elaboração conjunta com os caminhos das águas que emitem, recebem, liberam e recapturam os sentidos “com sua correnteza translúcida” que “rasga pedras e fere o chão”.

O rio não é visto só pelas suas formas, mas por um complexo de relações em que suas águas quando batidas nas pedras canta o estalido, vibra, produz sons que sucedem rapidamente, atravessa translúcido e sua potência de agir flutua, cava, sobe e desce, pois “dentro do rio cabe um mais além das margens” (LÍVIA NATÁLIA, 2016, p. 31), pois que a voz do rio faz barulho no mar e conforme os encontros que faz estreita a linha sobre a qual atravessamos a vida e nesse fazer há elaborações de uma escrita de água que na loca de pedra permite expansões.

As riografias que estão em “Ori” elaboram subjetividades não capturadas por uma forma única de existir e por isso nega e contradita a vida ao mesmo passo que produz linhas de segmentos flexíveis que fazem escapar a força ancestral das águas doces que na violência de suas torrentes permite que aos olhos enxergue dançar uma mulher que no doce de suas águas coloca a cabeça para conduzir caminhos de resistência e força.

Em “Ori” há riografias, há água apaziguada que faz dançar os corpos e as palavras, estas que escapam as mãos e, assim como o rio, os versos da poeta estão sempre caminhando e quando aquietada a água, é possível ver os peixes ligeiros no verde das lagoas e atestar que há muita vida. Por isso, entre cores, texturas e aromas ingresso no mistério das águas para dizer das riografias da poeta Lívia Natália as quais produzem um extraviar-se, em que transita o sentido no exercício político que desfaz estereótipos entendidos como inerentes aos corpos negrofemininos, como a elaboração de que possuímos corações gentis, doces e caseiros.

São as águas que conjugam e reelaboram tais questões em uma irrequieta, ao mesmo passo que estável movimentação, de modo a chegar a compreensão de que assim como “um rio não caminha só” as políticas de enfrentamento só podem existir no exercício prático cotidiano quando atravessa e compõem-se em alianças com a coletividade, para desfazer dos fluxos monitorados pelo racismo, machismo e sexismo que circundam e deitam-se sobre corpos de mulheres negras.

As composições de alianças produzem e consolidam políticas de diferenciações múltiplas e aqui me concentro não em apresentar soluções para as opressões que circulam, mas dizer dos processos que as constitui elaborando os campos de problemas de maneira a investir em estratégias de reexistências para corpos negros em que são possíveis agenciamentos que nos faça expandir para além das tecnologias de operação universais.

Com isso, entendo que o rio forma um corpo e este como via produtora das relações compõe esta escrita que abandona as fixações, as quais paralisam e entorpecem a política elaborada pelos afetos. Dessa forma, traço estas riografias para dizer da vida de mulheres negras de modo que seja possível incorporar ruídos e outras sonoridades no projeto político asséptico que se vale da moral e de valores de produção da vida que excluem aquelas com os cabelos que crescem crespos e em cachos miúdos, aquelas que carregam narizes largos e lábios grossos em corpos que carregam a pele preta.

Os traçados negros de uma escrita de água elaboram um fazer político-estético constituído na experiência que produz rupturas, realça a diferença, conduz a novas regiões que são delineadas a partir de longas trajetórias:

os trânsitos da vida e da morte marcaram a trajetória de um povo pelas suas travessias atlânticas no cenário mundial. É incontestável que as rotas da escravidão africana deixaram um legado de problemas irreversíveis à população negra no mundo, o resultado do sistema escravagista foi devastador. Deste modo, instaurou-se um longo caminho de violências e subjugação sofridas por essas populações. A situação do negro no panorama da história mundial está marcada por um fluxo de consecutivas violências, exclusões e apagamentos. (SILVANA CARVALHO, 2017, p. 114)

Foram esses caminhos violentos que atravessaram a vida do povo negro e fizeram sangrar o corpo, mas que permitiram criar pontes sobre os buracos para modos de vida frutíferos, de empoderamento e de passagens para falar de corpos negros nas relações de poder.

O exercício de poder que intimida e silencia, também, permite o encontro com as potencialidades, instauradas desde a luta pela libertação de negras e de negros do processo colonial em que tais sujeitos se colocaram e colocam-se a reevidenciar “o ser e estar negro nas sociedades contemporâneas [...] reconfigurando na história o espaço do negro diante da realidade em que vive” (SILVANA CARVALHO, 2017, p. 116).

Desse modo, as escritas negrofemininas movem uma força dançante de alegria e tristeza ao retomar os caminhos da história, mas não de maneira a debruçar-se excessivamente por suas linhas, pois a produção literária que flui nesta pesquisa não para de se refazer, é uma composição singular que não se faz em generalizações e por isso os operadores são modificados constantemente construindo em redes de afetos, em conexões e em potências os traçados em *águas negras e outras águas*.

Ao dizer da escrita negrofeminina de Livia Natália não trago imposições de uma forma, pois esta é “efeito temporário das relações entre os elementos que compõem o mundo, estando sempre prestes a se desvanecer [...] fugaz, transitória e não pode explicar nada, porque é efeito” (CRISTINA PESCUA, 2015, p. 26). Trago linhas que cortam e fogem, portanto, digo dos processos que constituem os traçados negros em riografias e estas estão atravessadas pelo banho de rio, pela organização da comunidade para bater a laje do vizinho, pelas ancas largas da senhora que prepara o feijão, pelo banho de manilha aos domingos, pelos narizes lambicando dos meninos de cueca, pelo jovem morto injustamente na Calçada, pelo rapa que levou toda a mercadoria do ambulante que estava à venda na Avenida Sete.

São as vivências que configuram os processos dessa escrita em versos que vibra em graus de intensidades por/dentro/entre o cotidiano ao contar dos gritos da alma e memórias extraindo forças que não se pretendem homogêneas e retilíneas, mas que se cruzam ao afetar e ser afetada pelas palavras de muitas densidades da poeta Livia Natália que escorrem por entre as pedras para dizer daquilo que faz sofrer e sorrir como as palavras montanhosas do poema “Depois da

Noite”:

Depois da noite

Agora que todas as dores sangraram,
resta o corpo de onde brotam flores vermelhas,
vermelhas.

Sanada a primavera, e o verão intenso
Vem o indecível outono, antecipar o fim.

Onde dói sempre é noite
e monstros me espiam da escuridão.
Reino sobre as madrugadas

absolutamente lúcida e inteira,
como a flor espezinhada
aspergindo da dor, perfume.

Agora, que todas as dores sangraram,
resta o corpo desfeito de amor,
a posta restante da cama,
a insônia e o silêncio.

Não há voz que troveje pela casa,
os diários apenas contam as horas
e o passado entrelaça as mãos
embalando a dor miúda e sem remédio.
(LÍVIA NATÁLIA, 2017, p. 19)

As palavras que brotam dos versos dizem de como as coisas não param de modificar-se e mover-se e, ainda, contam de como os fluxos do desejo diferenciam-se pelo tanto que é permitido afetar e deixar-se afetado diante a força gerada nos encontros. Quando o poema anuncia dores que sangram, gritos de alerta sobre a necessidade em produzir tecidos para que seja possível deixar expandir as intensidades, são ecoados no espaço retangular destas folhas.

Segundo Suely Rolnik, “fazer passar os afetos: é isso que parece gerar brilho” (2007, p. 47) e para fazer dessa passagem algo possível intento desdobramentos para as linhas de fuga, que nada tem a ver com fugir ou evadir da situação ou da vida, como apontou Deleuze e Parnet (1998), mas diz respeito a criação de novos espaços-tempo para fazer tudo fluir.

As palavras que eclodem do poema produzem silêncios fazendo tudo doer, atestam que depois que todas as dores sangraram, restaram os pedaços de corpos que apesar de espezinhadados seguem lúcidos a exalar perfume. A reflexão que plana nestas linhas caminha no sentido de compreender que com a possibilidade de fazer passar os afetos tudo tornou-se pura intensidade, a desterritorialização constituiu-se em demasia, um vício de fascínio e em uma finalidade em

si mesma, não mais como uma dimensão da criação de novos territórios, como apontou Suely Rolnik (1986), para criar consistências, pousos, vôos, avanços e permanências para novos e outros jeitos de viver e amar no entre-dois.

As dores, ausências e silêncios que circulam no poema agem nas experiências afetivas de mulheres negras que pela casa vazia “entrelaça as mãos embalando a dor miúda e sem remédio”. Fatores raciais constituídos desde o processo de colonização colocaram os corpos de mulheres negras nesses lugares de solidão e tomadas como:

incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as ‘mulheres desregradas’ deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. (bell hooks, 1995, p. 469)

Essas práticas sociais fizeram de corpos de mulheres negras espaço único e exclusivo para o prazer sexual do homem (branco e negro) negando o afeto, inserindo-as numa rede de interdições e silêncios tecendo fios por um amor que chega, toma todo o tempo e espaço, mas não permanece. Com isso, constroem-se discursos e reflexões sobre mulheres negras, afetividades e solidão, como é o tema investigativo do trabalho de pesquisa de Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008), que problematiza em sua pesquisa a solidão a partir do entendimento de que a estrutura familiar de mulheres negras nasce com o racismo e sexismo fazendo delas vítimas de violências domésticas, ordenando assim as relações de preterimento como naturalizadas no imaginário social.

Depois que as horas e as estações passaram, todas as dores sangraram e o lugar solitário se formou: “resta o corpo feito de amor, a posta restante da cama, a insônia e o silêncio”, são com esses versos que problematizo o corpo de mulher negra em abandono e elaboro a compreensão de que faz parte das construções de relações afetivo-sexuais instituídas no exercício de poder em que, dentre tantas questões, o belo é elemento fundamental para a constituição das relações e este está inserido numa elaboração embranquecida de curvas sinuosas e finos traços de maneira a tecer o amor em direção ao corpo da mulher negra em fios de ausências, no entanto, nesse mesmo fluxo são construídas potências firmadas no desejo em dizer sim a vida, abdicando dos espaços vazios de que trata os versos do poema “Abandono”:

Abandono

Para meu pai

Meu amor tem os dentes cariados,
transpira por todos os poros,

paga poucas contas
e será despejado.

Meu amor criou barriga
e anda arqueado.

(Arrumou uma amante na esquina,
agora nos vemos pouco.)

Meu amor chega atrasado,
Ou nem chega:
todos os barcos ancoram,
mas meu amor se demora.

Piratas lhe irromperam a rota?
Nereides o beijaram perfumosas?
O mar, com seus cabelos, o trançou?

Enquanto espero, tudo é horizonte
e advinho seu rosto antigo
na anatomia das pedras.
(LÍVIA NATÁLIA, 2015, p. 25)

As histórias de abandono entre mulheres negras são contadas e recontadas por muitas, somando relações em que lamúrias e perdas instituem tristezas, eliminando as experimentações em dizer sim a vida. Segundo bell hooks, “muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor” e se consideramos as experiências de explorações e opressões que sofria o povo negro com o regime escravocrata e de como foi negado as permanências dos laços afetivos “que nossos ancestrais testemunharam ao verem seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão” (bell hooks, 2010, *online*), é possível compreender os processos que constituem ausências e abandonos e de como o estado fugaz desse amor que demora a chegar irrompe sons inarticulados, questionamentos sem respostas e convívios desfeitos.

O amor que anda arqueado e com os dentes cariados se demora a chegar ou nem chega como na odisséia entre Penélope e Ulisses, personagens da mitologia grega. Penélope sempre a esperar por seu amado, Ulisses, seguia melancolicamente a constituir um amor na falta, sangrando em desconsolo pelo homem que tardava a chegar conduzindo o amor em naufrágios que no horizonte desenhavam interrogações como as do poema: “Piratas lhe irromperam a rota?/ Nereides o beijaram perfumosas?/ O mar, com seus cabelos, o trançou?” (LÍVIA NATÁLIA, 2015, p. 25) sendo possível ver o estado de tristeza que interrompem agenciamentos de modo a afastar Penélope, Ulisses e o amor que transpira por todos os poros de todos os fios do mundo.

Os fluxos que produzem linhas de vida, amor e afeto, que por vezes se fazem dispersos,

constroem novos sentidos de modo que seja possível mergulhar na existência perdendo-se do mundo para recriá-lo. Desse modo, fazer tudo rodar e expandir diante a compreensão de que o andar arqueado, os dentes careados ou as nereides que beijam perfumosas não só fazem parte da secundarização dos afetos, mas das criações de novos territórios, é compreender como os encontros podem ser multiplicados sem reiterar o regime opressor em que mulheres negras encontram-se no espaço afetivo de solidão e sim inseridas na produção de desejo que deita-se sobre as contradições para efundi-las.

Os afetos que pedem passagem nos poemas de amor da poeta Lívia Natália dizem de lágrimas e despedidas, mas também tecem camadas em que o amor produzido por mulheres negras está envolto da vontade de compartilhar em multiplicidades. Ao seguir aprendendo sobre intensidades, a lírica de rupturas da poeta segue adiante em círculos, “porque embora tenham nos ensinado que é para frente, os caminhos ancestrais são circulares e pisam novamente onde se sempre pisou, mas há sempre uma estrada nova a ser feita, por pés novos” (KIKI GIVIGI, 2017), são com esses elementos que os versos da poeta ensina sobre talhos e dias difíceis que nos fazem fortes:

Talho

Meu coração é uma bandeira leve
flanando no céu do desejo.

Meu corpo é que é feroz:
grita rasgando entranhas
e cuspiendo seu desejo insolente entre minhas pernas.

Meu corpo é bruto e lambe suores estranhos,
não sabe fazer a conta do que sobra de si
na partilha de seus desejos.

Meu corpo tem seu próprio tempo
e o relógio conta as horas de ser e estar
no que nele lateja sedento.

Meu corpo goza do que lhe penetra as entranhas
inventando estradas ladrilhadas de estrelas.
meu corpo não dorme
e, quando eu digo meu, repetindo a posse na frágil palavra,
ele já reinventou todos os sentidos
e desalojou o sangue das minhas certezas.
(LÍVIA NATÁLIA, 2017, p. 27)

O corte dos versos está para além de pensar sobre si voltando-se sobre um “EU”, mas diz da potência que faz passar pelo corpo a partilha dos desejos fugindo da forma e da finalidade,

lógicas que impedem novos arranjos para a vida. “Talho” anuncia um corpo (inscrição de acontecimentos) que escapa as amarras e censuras de modo a fazer vibrar as intensidades agenciadas aos fluxos que põem em movimento “desejos insolentes”, desalojando certezas num experimentação-corpo-afecto.

Portanto, onde canta o estalido nesses traçados negros em versos de água há o desejo em criar possibilidades de expandir os afetos e desejos em planos de consistência num devir-outro, instituindo políticas do prazer para mulheres negras, como sugere Luana Souza (2018), desestabilizando os sentidos construídos de que esses corpos são instrumentos de servidão e açoites. Com isso, coloco em cena a lírica e as experimentações negrofemininas inscritas nos traçados negros de Lívia Natália, a fim de criar espaços para os afetos em outras águas com tonalidades próprias para destituir o deserto afetivo nesses corpos marcados por monitoramentos racistas e sexistas.

5 A LETRA, O CORPO, O RIO: O QUE PODE UMA LÍRICA DE RUPTURAS?

A produção literária de Livia Natália cria potências para as problematizações nas intersecções raça-gênero, nesta pesquisa, fazendo movimentar formas e estruturas de maneira a romper com o código hegemônico que compõe a escrita poética, bem como cria espaços para a compreensão de que “a poesia não vive senão na tensão e no contraste (e, portanto, também na possível interferência) entre o som e o sentido” (AGAMBEN, 2002, p. 142) o que provoca o debruçar-me sobre a lírica dos versos da poeta, produzindo os encontros das águas com a terra os quais são elaborados de maneira que seja possível traçar linhas para pensar de como estas riografias escapam e fundamentam o debate sobre o corpo e os desejos num agenciamento político-acadêmico.

Foram os poemas publicados pela poeta que fizeram das riografias um lugar possível. Ao escrever este trabalho junto aos versos pude dar existência as forças que rompem com o código que estrutura as hegemonias. Os poemas são narrados pelas águas que atravessam o saber ancestral e constroem um corpo de mulher negra na fluidez de significados. Riografias, portanto, consistem em outra forma de inscrever a diferença por entre os caminhos que possibilitem a extensão das palavras ainda que estranhezas desconcertantes atravessem o modo como opera a escrita deste trabalho.

As riografias permitiram ir ao extremo de mim mesma, numa exposição penosa de um doloroso processo para escrever seções que fossem perpassar pelo pensamento decolonial para a produção de reexistências entre mulheres negras.

Foram os segredos das águas emaranhados na lírica dos versos que possibilitaram tomá-los como categoria de análise para desfazer os apagamentos e universalizações sobre os corpos de mulheres negras. Assim, eis que a poesia sai na frente para anunciar e responder o que pode uma lírica de rupturas:

Ilê T' Aiyo

Minha Alma tem a profundidade oblíqua das Águas,
este pretume espelhado que engana o céu,
esta morada de bichos estranhos todos feitos de breu.

Aquietada, a Água imita o chão
e sinto que posso caminhar
na face luminosa de seu mistério.
(LÍVIA NATÁLIA, 2017, p. 57)

As riografias produzem um corpo não reto, desviante e pedregoso com profundidades

que dizem de como a pele preta se reinventa frente ao mistério. A poética de Livia Natália se faz no atravessamento das águas em que matéria e espírito encontram-se em casa sempre num vir a ser outro ou outra coisa.

É oblíquo o funcionamento da água e o que as constitui. Dessa forma chego ao entendimento de que feita de barro e água, pedra e ferro, são muitas as linhas que nos cortam, aloca-nos em segmentos, nos impõem, mas que, também, produzem novos arranjos, e nos fazem aquietar e fluir, nos permitem devir, que nada tem a ver com sonhar ou imaginar, mas com aquilo que emite diferenciações em todos cantos e a todo instante.

Ao passar pela poesia, passamos pela vida e esta é também poesia, portanto o entendimento aqui é de que a literatura está ao lado do inacabado proponho percorrer imensidões, como a que existe no desconhecido fundo do mar, e com isso continuar a fazer novos arranjos e conexões, borrando aquilo que se entende como exatidão.

Chego ao fim deste trabalho com o entendimento de que foi possível quebrar as âncoras e sentir as águas com os pés, pois foi desse modo que produzi rasuras e linhas de fuga as quais foram traçadas em aliança com os repertórios teóricos da filosofia e literatura.

Os poemas espalhados nestas riografias expõem os modos de produção da colonialidade do gênero ao constituírem-se em palavras de água, assim pude romper com os estratos da considerada grande literatura onde a fabricação da vida segue modelos hierárquicos e não fazem fluir tal quais as riografias presentes nos poemas de Livia Natália e nesta pesquisa permitiram.

Nesse agenciamento, um conjunto afetivo de ações e paixões formam um corpo que em composições e decomposições; atrações e repulsas; enlaces e desenlaces; cheios e vazios, desdobra-se num campo de forças que constituem sentidos para a produção político-estética não hierarquizada, sendo que o importante não são as filiações, mas as alianças que afirmam a diferença no encontro com as multiplicidades em composições várias a desaguar em oceanos para dizer de corpos negros em riografias:

Corpo

Como um rio pedregoso,
meu corpo esconde seu cheiro de mareasias.
Na frente aberta do mundo calmo,
na fresta,
(floresta inteira cintilando)
há rumor de risos, urros, respiros
e silêncios desesperados.

Um corpo, como outro,
cheio de véspera,

onde brilha, num perfume úmido,
Toda a pungência das vespas.
(LÍVIA NATALIA, 2016, p. 57)

Enquanto o rio flui por entre as rochas, as letras dos versos escorrem pela superfície e infiltra-se no solo. O intuito é paradoxal, está entre o desvio e o encontro, de modo a atravessar mundos e embaralhar caminhos. Assim, o fazer acadêmico insere-se em um movimento de desterritorialização/reterritorialização ao mover-se e fortalecer laços com o pensamento não hierarquizado a desarrumar estruturas e circular a política não como prática do estado, mas como prática do estar junto, a qual, segundo Muniz Sodré (2017), consiste em estar ao lado “da luta pela inclusão, no mundo comum, de excluídos históricos” (SODRÉ, 2017, p. 172), que caminham em corpos que escondem o cheiro das maresias como dizem os versos.

Ao embarcar na constituição de realidades é possível a compreensão de como o corpo feito rio pedregoso é expressivo e foge as formas do capitalismo que em sua composição de opressão articula-se para inserção de corpos negros nessa estrutura, em um processo de coisificação e mercado. No entanto, em novos arranjos de vida, como reflete Achille Mbembe (2014), outras possibilidades para o pensamento crítico são exibidas e estas deslocam os corpos negros, sobretudo corpos de mulheres negras, das designações pesadas e perturbadoras ao traçar rotas que escapam as amarras de discursos que implicam em pensar a composição de corpos negros como não-corpo, pensamento proveniente “da obstinação colonial em dividir, classificar, hierarquizar e diferenciar” (MBEMBE, 2014, p. 22).

Desse modo, estendo-me para que as múltiplas compreensões desta pesquisa cartográfica em riografias possam estar nutridas de estranhezas, delírios, invenções, experiências e afetos na composição lírica atenta a “uma experimentação ancorada no real” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22) que ultrapassa o “eu” como “figura de fundamento da subjetividade” e o toma como “unidade diferencial e pré-individual”, como apontou Muniz Sodré (2017) ao dizer de como Exu inventa o tempo, numa elaboração estratégica em “ver o que todo mundo viu e pensar o que ninguém pensou” (SODRÉ, 2017, p. 7) deslocando-me do pensamento colonial, e assim permitindo-me retomar uma produção de saber que faz funcionar a máquina-poesia negrofeminina nesta pesquisa de água.

Portanto, ao entender que toda realidade é contínua e descontínua, o “rumor de risos, urros, respiros/ e silêncios desesperados” (LIVIA NATÁLIA, 2016, p. 57), escritos no poema, estão investidos de uma potência que perpassa a ancestralidade e a descendência, de maneira a trazer o mundo e o cosmos para explicar a existência a partir do aspecto ontológico e cosmológico sendo isso um modo de descolar os saberes do ocidente da produção intelectual e

literária negrofeminina.

Diante a “floresta inteira cintilando” frestas são abertas e por elas saltam mundos constituindo um conjunto de forças que afirmam a diferença desnaturalizando hábitos em corpos negros que se atualizam nas linhas que fogem e crescem pelos meios, entre os pontos, nos movimentos e encontros com as águas que quando profundas produzem um acontecimento permitindo chegar ao entendimento de que sem água, sem folha, sem chão não é possível desfazer o aterramento em que escritas negrofemininas foram apagadas.

O que pode então um corpo feito rio pedregoso? Além de esconder o cheiro das maresias é um aglomerado de outros corpos, pois que é sempre um estado de coisas que fazem pulsar ações e paixões que afirmam o ser ao ultrapassarem as submissões. Nestas riografias, o corpo cheio de véspera visita as margens dos rios e realça suas nuances ativando a produção de sentidos ao romper com as estratificações, pois diz respeito às experiências que fazem brilhar “num perfume úmido, toda a pungência das vespas” (LÍVIA NATÁLIA, 2016, p. 57).

Desse encontro, as águas atravessam e desenham uma lírica de rupturas nesta pesquisa tecendo pele doce e salgada ao fazer poemas de escamas, o que implica dizer que a poética de Livia Natália possui as mãos fincadas no saber ancestral que esconde os segredos das águas e os mostra a fim de dar caminho para estas riografias. Navegando nesta lírica que rompe com o código hegemônico e opera sobre ele descodificando-o, há uma escrita da existência que retoma vivências para formar, reformar, transformar, (des) construir e reconhecer relações que produzem novas e outras formas de vida de/para mulheres negras.

A lírica de rupturas foge às representações, como aquelas que dizem de negros como figuras pré-humanas, cedendo lugar a uma lógica da produtividade não como algo acabado e uniforme, mas sim em ondas e correntezas instalando-se no meio, constituindo-se no processo, de modo a passar por todos os tempos, inclusive aquele fora das cronologias, irrompendo das profundezas à superfície elaborando mudanças, afinal “não há uma ordem lógica nesses movimentos desterritorializantes, nem esquemas pré-estabelecidos” (CRISTINA PESCUMA, 2013, p. 87).

Nesse sentido, a lírica de Livia Natália atua diretamente com/em corpos negros possibilitando a experimentação de vivências, metamorfoses, um vir a ser, pois que as palavras percorrem as linhas dos versos proporcionando um ir além de nós mesmos abrindo-se a um estado de intensidade que preenche o campo poético ao conjugar os fluxos em multiplicidades descentralizadoras, o que consiste em dizer que a prática artística de que problematizo nesta pesquisa coloca em movimento potências as quais fazem e desfazem os contornos entre si e as coisas como nos versos de “Estudo Marinho”:

Estudo Marinho

Para Lise Arruda

Iemanjá me atirou uma palavra de pele salgada
para fazer um poema de escamas
e dar à Kianda da minha poesia
pés de peixe e algo do que balouça
na Água clara quando o peixe nada.

A palavra veio num escapulido macio
e mergulhou no azul de suas entranhas.
Nadou ferindo as marolas, e eu, de anzol nos beiços,
me atirei no seu canto empolado
já enredada nas notas finas.
Muito mergulhei e, no que me vi,
virei eu mesma uma sereia-kianda de pés encantados.

Vivo agora nos naufrágios mergulhada
onde as palavras tem olhos e guelras,
e respiram se abrindo para a Água que nelas se encharca.
Lá, onde dormem as pedras negras,
os sobejos de gente,
os pedaços de pente
e as conchas partidas,
mora a minha palavra,
com sua cauda marinha.
(LÍVIA NATÁLIA, 2015, p. 39)

Ao romper a espessura das águas, a palavra é inundada em versos que caminham entre a tradição ancestral e o fazer crítico literário subvertendo o tempo e iluminando os acontecimentos, como aponta Maria Narazeth Fonseca, ao refletir sobre a literatura e seus deslocamentos entendendo que a produção literária ao subverter o tempo pode “apreendê-los em sua multiplicidade, realçando os sentidos já produzidos pela leitura histórica, mas explicitando outros” (MARIA FONSECA, 1997, p. 96).

A memória ancestral acionada nos versos retoma Iemanjá, rainha das águas, a ela é entregue a poesia de Livia Natália em que a palavra foi tomada “num escapulido macio/ e mergulhou no azul de suas entranhas” (LÍVIA NATÁLIA, 2015, p. 39) encadeando intensidades em que as grafias da poeta, encharcadas, escorrem pelos versos trazendo em sua composição sonora o canto-desejo do fundo domar.

Na loca de pedras negras onde estão guardados os pentes e conchas partidas, “Iemanjá me atirou uma palavra de pele salgada/ para fazer um poema de escamas/ e dar à Kianda da minha poesia pés de peixe” nesses versos marinhos, que escorregam e expõem a mim também

remexendo minhas experiências recortadas que agora caminham no círculo em operação de escuta.

Sem interpretações e significâncias a lírica de rupturas diz respeito a seguir os protocolos da experiência que está sempre em expansão de possibilidades nos poemas que fluem nesta pesquisa, construídos com recursos discursivos, estilísticos e retóricos outros, distintos daqueles empregados pela teoria lírica moderna em que poesia e a produção de uma imagem metafórica são aspectos indissociáveis.

Portanto, quando é anunciado e problematizado que há nos versos da poeta Lívia Natália uma lírica de rupturas, implica dizer que sua produção ultrapassa o pensamento de que gênero e formas são dependentes diante as alterações dos modos de produção e publicação na contemporaneidade com a inserção de novas tecnologias e recursos estilísticos que acionam lugares apagados e silenciados da história do povo preto.

A letra, o corpo e o rio embarcam no mar e assim navegam por uma lírica de rupturas em que a análise crítica sobre o ato de criação não consiste na abordagem de epifanias, devaneios ou sonhos, pois o repertório traçado não percorre por similaridades e generalidades e sim na diferença acionada pela poética de Lívia Natália que tem em seu funcionamento grafias escrevíveis narradas pelas águas e saber ancestral.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O fim do poema. Tradução de: Sérgio Alcides. **Revista Cacto**, São Paulo, n. 1, p. 142-149, ago. 2002.
- AGUIAR, Lisiane Machado. **As potencialidades do pensamento geográfico: a cartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33, 2010, Caixias do Sul. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais [...]**. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4047519/mod_resource/content/0/Deleuze%20e%20o%20me%CC%81todo%202.pdf. Acesso em: 01 fev. 2019.
- BAIROS, Luiza. **Nossos Feminismos Revisitados**. Revista Estudos Feministas. v. 3, n. 2, p. 458, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16462>. Acesso em: 07 mar. 2019.
- BAIROS, Luiza. **Lembrando Lélia González**. 1998. Disponível em: http://www.criola.org.br/artigos/LEMBRANDO_LeLIA_GONZALEZ.pdf. Acesso em: 01 de maio de 2019.
- BAIROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez 1935-1994. **Afro-Ásia**, n. 23, p. 0, 1999.
- MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. BARROSO, J. M. Feminismo decolonial: una ruptura con la visión hegemónica eurocéntrica, racista y burguesa. [Entrevista concedida a] Jose María Barroso Tristán. **Iberoamérica Social: Revista-red de estudios sociales**, n. 3, p. 22-33, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/10114799/Barroso_J._M._2014_.Feminismo_decolonial_una_ruptura_con_la_visión_hegemónica_eurocéntrica_racista_y_burguesa.Entrevista_con_Yuderkys_Espinosa_Mi%C3%B1oso. Acesso em: 08 abr. 2019.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 110-127.
- CARMO, Camila do Nascimento. **Partir, Quebrar Âncoras: Cartografias de Poemas e o Devir-Mulher-Es na Escrita de si de Kátia Borges**. 2016. 48f. Monografia (Graduação) Curso de Licenciatura em Letras-Libras-Língua Estrangeira, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia Centro de Formação de Professores, Amargosa, 2016.
- CARVALHO, Silvana. Afro-rizomas da diáspora negra entre Brasil, Angola e Portugal. **Revista Encontros de Vista**, n. 19, p. 112-123, 2017.
- COELHO, Jonas Gonçalves. Ser do tempo em Bergson. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 8, n. 15, p. 233-246, 2004.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELEUZE, Gilles; PARTNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de: José Gabriel Cunha. Lisboa. Relógio d`água, 1996.
- DELEUZE, Gilles; PARTNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de: Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998. Disponível em: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/deleuze-gilles-parnet-claire-dialogos.pdf>.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol 4. 1 ed. São Paulo: Editora 34 LTDA, 1997.
- DOUBROVSKY, Serge. O último eu. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). **Ensaio sobre autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- EVARISTO, Conceição. Da representação à auto representação da mulher negra brasileira na

- literatura. **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**, Brasília, ano 1, v. 1, p. 9-13, ago. 2005a.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *In*: SILVA, Denise Almeida; EVARISTO, Conceição (orgs.). **Literatura, história, etnicidade e educação**: estudos nos contextos afro-brasileiros, africanos e da diáspora africana. Frederico Westphalen: EdURI, 2011. p. 131-146.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Bordas, margens e fronteiras: sobre a relação Literatura e História. **Scripta**, v. 1, n. 1, p. 91-102, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **A Coragem da Verdade**: o governo de si e dos outros II. Curso no Collège de France (1983-1984). Tradução de: Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: o cuidado de si**. vol. 3. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.
- GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos Estranhos**. Sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2014.
- GIVIGI, Ana Cristina Nascimento. **Do ressentimento à potência**: o uso-desuso de drogas, a escola e as políticas de expansão no cotidiano. 2009. 219 p. Tese (Doutorado em Educação). Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.
- GIVIGI, Ana Cristina Nascimento; BARRETO, Jaqueline de Souza Barreto Santos; BRANDÃO, Jefferson Duarte. **O Nzo e Nzambi: ancestralidade e experiências educativas Bantu em Valença-BA**. *In*: CONGRESSO AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA, 3. 2016, Universidade Federal do Espírito Santo. (Anais)... Vitória: 2016.
- HOOKS, bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 464, 1995.
- HOOKS, bell. Vivendo de amor. Tradução de: Maísa Mendonça. **Geledés**, 09 mar. 2010. Questões de Gênero. Mulher Negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>.
- KAMENSZAIN, Tamara. testemunhar sin metáfora, poesia argentina de los 90, tamara kamenszain (fragmento). **H&D**, 09 abr. 2018. Disponível em: <http://highdray.blogspot.com/2018/04/testimoniar-sin-metafor-poesia.html>. Acesso em: 08 abr. 2019.
- LARANJEIRA, Antônio Eduardo Soares. **O sujeito lírico voyeur na poesia contemporânea brasileira**. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 14, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, set. 2014.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Tradução de: Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. (Coleção Humanitas).
- LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 110- 127.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Portugal: Antígona, 2014.
- NATÁLIA, Livia. **Correntezas e outros estudos marinhos**. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015.
- NATÁLIA, Livia. **Água negra e outras águas**. Salvador: EPP, 2016.
- NATÁLIA, Livia. **Dia bonito pra chover**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- NATÁLIA, Livia. Poéticas da diferença: a representação de si na lírica afro-feminina.

- Revista A Cor das Letras**, Feira de Santana, n. 12, número temático: literatura, cultura e memória negra, p. 105-124, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1487/pdf>. Acesso em: 16 abr. 2018.
- NATÁLIA, Livia. **Sobejos do mar**. Salvador: Caramurê, 2017.
- NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio no negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. **Epistemologia da Ancestralidade – Preâmbulo**. 2011. *Filosofia Africana*. Artigos. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_epistemologia_da_ancestralidade.pdf. Acesso em: abr. 2019.
- PACHECO, Ana Claudia Lemos. **Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar**. 314 f. 2008. Tese (Doutora em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- PESCUMA, Cristina. **A arte contemporânea e o pensamento da diferença**. Salvador: 2013.
- PESCUMA, Cristina. **A arte como jogo: aos que estão em fuga**. Salvador: 2015.
- QUIJANO, Aníbal. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires: CLACSO, 2014.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.
- ROLNIK, Suely. **Amor: o impossível... e uma nova suavidade**. 1986. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>. Acesso: 20 dez. 2018.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2007.
- SANTOS, Maria Stella de Azevedo (Mãe Stella de Oxóssi). Há pau que traça pau... *In*: SANTOS, Maria Stella de Azevedo; MARTINS, Cléo. **E daí aconteceu o encanto**. Salvador: Axé Opô Afonjá, 1988. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/300-mae-stella-de-oxossi-textos-selecionados>.
- SODRÉ, Muniz de Araújo Cabral. **Pensar nagô**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- SOUZA, Ana Lúcia da Silva. **Letramentos de reexistência**. poesia, grafite, música, dança: hip hop. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2011.
- SUSSEKIND, Flora. Objetos verbais não identificados. 1993. **O Globo**, 4 ago. 2017. Caderno Prosa e Verso. Disponível em <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/objetos-verbais-nao-identificados-um-ensaio-de-flora-sussekind-510390.html>. Acesso em: abr. 2019.
- VILA-MATAS, Enrique. **O mal de Montano**. Trad. Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.